



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
ESCOLA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA – *STRICTO SENSU*

JENESON TAVARES DA CRUZ

**AS MULTIFACES DA NOÇÃO DE TEMPO NA TEORIA DE SIGMUND FREUD A
PARTIR DA MEMÓRIA, REPETIÇÃO E FINITUDE**

CURITIBA, 2018

JENESON TAVARES DA CRUZ

**AS MULTIFACES DA NOÇÃO DE TEMPO NA TEORIA DE SIGMUND FREUD A
PARTIR DA MEMÓRIA, REPETIÇÃO E FINITUDE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Filosofia da Escola de Educação e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Verardi Bocca

CURITIBA, 2018

Dados da Catalogação na Publicação
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR
Biblioteca Central
Edilene de Oliveira dos Santos CRB 9 /1636

Cruz, Jeneson Tavares da
C957m As multifaces da noção de tempo na teoria de Sigmund Freud a partir da
2018 memória, repetição e finitude / Jeneson Tavares da Cruz; orientador, Francisco
Verardi Bocca. -- 2018
86 ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná,
Curitiba, 2018.
Bibliografia: f. 82-86

1. Psicanálise. 2. Tempo. 3. Memória. 4. Repetição (Psicanálise). 5. Finito.
6. Freud, Sigmund, 1856-1939. I. Bocca, Francisco Verardi.
II. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Programa de Pós-Graduação
em Filosofia. III. Título.

CDD 20. ed. – 150.1952

ATA Nº. 164/PPGF – DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Aos dez dias do mês de agosto de dois mil e dezoito, às catorze horas na sala de Pós 2 da Escola de Educação e Humanidades desta Universidade realizou-se a sessão pública de defesa da dissertação do mestrando **Jeneson Tavares da Cruz** intitulada: AS MULTIFACES DA NOÇÃO DE TEMPO NA TEORIA DE SIGMUND FREUD A PARTIR DA MEMÓRIA, REPETIÇÃO E FINITUDE. A Banca Examinadora foi composta pelos professores: Dr. Francisco Verardi Bocca, Dr. Eduardo Ribeiro da Fonseca, e Dr. Claudio Eduardo Rubin. Após a instalação dos trabalhos pelo presidente da banca, professor Francisco Verardi Bocca, o candidato fez uma exposição sumária da dissertação, em seguida procedeu-se à arguição pelos membros da banca e à defesa do candidato. Encerrada essa fase, os examinadores, em reunião reservada, apresentaram suas avaliações, tendo considerado o candidato APROVADO em sua defesa de dissertação conforme as notas e o conceito registrados abaixo. Após a proclamação dos resultados, o presidente da banca CONFERE ao candidato o título de Mestre em Filosofia. Encerrados os trabalhos às 15 h 45 min. lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos membros da Banca Examinadora.

MEMBROS DA BANCA		ASSINATURA	NOTA
Prof. Dr. Francisco Verardi Bocca – PUCPR		<i>Bocca</i>	9,0
Prof. Dr. Eduardo Ribeiro da Fonseca – PUCPR		<i>Eduardo R.</i>	9,0
Prof. Dr. Claudio Eduardo Rubin – EXTERNO		<i>Claudio</i>	9,0
MÉDIA FINAL	9,0	CONCEITO	A

Jeneson Oliveira
Prof. Dr. Jelson Oliveira

Coordenador do Programa de Pós-Graduação
em Filosofia - *Stricto Sensu*

AGRADECIMENTOS

Ao encerrar esta dissertação, gostaria de deixar nominados os seguintes agradecimentos:

A Avilásio Pereira da Fonseca e Maria Tavares da Fonseca, avós maternos, que embora não tivessem uma educação formal, empenharam-se desde os meus primeiros anos de vida para que eu pudesse ter tal oportunidade.

A Alan de Oliveira Silva, amigo-irmão, que me incentivou e me direcionou junto ao Prof. Dr. Bortolo Valle, o qual sou muito grato, e que foi uma ponte para chegar ao programa e meu orientador.

Ao Prof. Dr. Eduardo Ribeiro da Fonseca e ao Prof. Dr. Cláudio Eduardo Rubin pela contribuição na elaboração deste trabalho.

De forma especial ao Prof. Dr. Francisco Verardi Bocca, meu orientador, que com generosidade aceitou-me como orientando, e esteve sempre disponível para indicações, correções e direções que muito contribuíram para a realização deste.

A CAPES pelo apoio financeiro que me foi fornecido por meio de seu programa de bolsas de estudos.

“O tempo falta, repete-se à
porfia. Ora é necessário tempo,
muito tempo para pensar a
psicanálise e o tempo na
psicanálise.”

Sidi Askofaré

RESUMO

Nossas reflexões têm como objetivo principal ressaltar e examinar a contribuição da psicanálise freudiana frente à questão do tempo, já que é um tema deveras importante tanto na Filosofia quanto na Psicanálise. Para tanto, pesquisamos e analisamos a obra freudiana, desde a busca pela palavra 'tempo' nos índices do volume XXIV de sua obra, até podermos selecionar onde o autor estava discutindo a temática em questão, e assim identificar sua noção de tempo. Averiguamos que seu raciocínio partiu do que ele chamou de atemporalidade inconsciente, denotando que os processos inconscientes não correspondem ao tempo da cronologia, passando por diferentes faces do conceito a partir de sua relação com a memória, com a repetição e com a finitude. Estas multifaces foram, conseqüentemente, a divisão didática que fizemos em relação aos capítulos de nossa dissertação, todas interligadas por sua proposição de que o inconsciente é atemporal. Desse modo, no primeiro capítulo desenvolvemos a noção de tempo a partir de seu vínculo com a memória, enquanto que no segundo perpassa a ideia de tempo e sua relação com a repetição, para, por fim, examinar a ligação entre tempo e finitude no terceiro capítulo. Demarcamos, com nosso trabalho, o conjunto de critérios inerentes à psicanálise freudiana, tecemos sua linha de pensamento e o movimento do conceito de tempo na sua obra, para podermos afirmar e justificar o título de nossa dissertação, sobre as multifaces do conceito de tempo para Sigmund Freud.

Palavras-chaves: tempo, Freud, memória, repetição, finitude.

ABSTRACT

The main aim of our reflections is to underscore and examine what the contribution of Freudian psychoanalysis to the matter of time is, since it's a very important topic in both Philosophy and Psychoanalysis. In order to do so, we searched and analyzed Freud's work, from looking up the word 'time' in the indexes of Volume XXIV of his work until we could select where he was discussing that theme in particular, and thus extracted how the author thought of time. Therefore, according to Freudian psychoanalysis we have realized that his thought begins from what he terms as the unconscious processes are timeless, pointing out that these processes do not correspond to any chronological time. Indeed, according to Freud there are different facets of what is time from the relation with other issues such as memory, repetition and finitude. These multifacets were, consequently, the didactic division we made in the chapters of our dissertation, which are connected by the Freudian proposition that the unconscious is timeless. As a result, in the first chapter we develop the notion of time with its link with memory, then in the second chapter the idea of time is associated with repetition, to finally examine the connection between time and finitude in the third chapter. With our work we demonstrate the set of criteria inherent to Freud's psychoanalysis, we also weave the line of thought and the movement of the concept of time in his work, in order to affirm and justify the title of our dissertation which is the multifacets of the idea of time to Sigmund Freud.

Key-words: time, Freud, memory, repetition, finitude

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1. TEMPO E MEMÓRIA.....	13
1.1 Tempos nos sonhos.....	15
1.2 A ilustração da “lousa mágica”.....	19
1.3 Lembranças encobridoras.....	22
1.4 Fantasias.....	29
1.5 Recalque.....	34
2. TEMPO E REPETIÇÃO.....	40
2.1 Atemporalidade inconsciente.....	41
2.2 A posteriori.....	45
2.3 Trauma e reencontro.....	49
2.4 O campo das pulsões.....	53
2.5 De um tempo que não passa.....	56
3. TEMPO E FINITUDE.....	60
3.1 O tempo efêmero.....	61
3.2 Sobre a morte.....	65
3.3 Castração.....	69
3.4 Eterna finitude da análise.....	75
4. CONCLUSÃO.....	79
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	82

INTRODUÇÃO

Nada nos parece mais óbvio do que o tempo, afinal toda a nossa vida cotidiana se estabelece sobre as bases do tempo. Ele é assim um elemento mestre na nossa relação com a natureza e com nossa vida cotidiana, desde o nascimento até a morte. Tão frívolo quanto nos possa parecer, é também algo indomável à formulação conceitual em várias áreas do conhecimento.

Na mitologia grega, *Chrónos* era descrito como o senhor do tempo, uma grandeza que pode ser medida por horas, minutos, dias, semanas, meses e anos, cuja força é inabalável e tudo que é conquistado nesse tempo é efêmero e findável. *Chrónos* casou-se com sua irmã *Reia*, com quem teve seis filhos: *Hades*, *Poseidon*, *Hera*, *Deméter*, *Héstia* e *Zeus*. Havia uma profecia que dizia que *Chrónos* seria despojado do poder por seus filhos, e temendo a concretização desta, ele engoliu todos logo após o nascimento. O único que se salvou foi *Zeus*, pois *Reia*, a duração, enganou o marido e entregou-lhe um pedaço de pano para ser engolido no lugar do filho. Quando adulto Zeus deu uma poção mágica a seu pai, fazendo com que *Chrónos* vomitasse todos os outros filhos. Por ter derrotado *Chrónos*, que simbolizava o tempo, *Zeus* e seus irmãos tornaram-se imortais. *Kairós* é o filho mais novo de Zeus e de *Tique*, a deusa da sorte e da fortuna. Descrito como um jovem belo, atleta e tão ágil que era praticamente impossível persegui-lo. Entre os romanos, ele recebeu o nome de *Tempus* – que representa aquele breve momento em que as coisas são possíveis. *Kairós* é o tempo que não pertence a *Chrónos* e não pode ser cronometrado ou previsto. (SMITH, 2014)

Na filosofia, a questão do tempo desafia todo o rigor conceitual, como nos adverte Santo Agostinho no Livro XI das *Confissões*, onde parte da explicação do princípio de todas as coisas e chega à brilhante reflexão sobre a essência do tempo. Ele se perguntava “O que é, por conseguinte, o tempo? Se ninguém me perguntar, eu sei; se o quiser explicar a quem me fizer a pergunta, já não sei” (AGOSTINHO, 1999, p. 322). Nesta célebre referência, justificamos o que fora mencionado anteriormente sobre o caráter inapreensível do tema.

Mesmo atravessando praticamente todas as áreas do conhecimento, a noção de tempo se diferencia para cada uma delas e parece que, de alguma forma, não há uma conclusão satisfatória. Assim, ela parece estar ligada a uma criação imaginária,

ou dito de outra maneira, uma espécie de constructo transtemático, proporcionalmente importante e complexo. Com este desafio nos prestamos a investigar a concepção de tempo em Freud, como foi se construindo em suas obras, e, assim pretendemos contribuir para a investigação deste tema que sempre foi e ainda é de fundamental importância tanto para a Filosofia quanto para a Psicanálise. Todavia, a noção de tempo em psicanálise também não parece ser um conceito de fácil compreensão, o que requer um estudo específico e aprofundado.

Assim, partimos da indagação se Freud poderia trazer elementos novos para contribuir para a reflexão do tema em questão e como isso poderia ser alcançado. Antecipamos que ele não foi apresentado objetiva e didaticamente por Freud, por isso recorreremos à sua obra com o intuito de averiguar se haveria nela algo de próprio a respeito do tempo.

Tentamos então, extrair da obra freudiana uma concepção própria a respeito do tempo, que nos surgiu como uma espécie de quebra-cabeça, cujas peças se encontram em vários momentos na leitura de sua obra e perpassam diferentes nuances que estão interligadas. Algumas dessas peças parecem não se conectar, mas nosso esforço foi justamente de acoplar as peças que encontramos, tecendo uma linha de pensamento, ou dito de outra maneira, refazendo o movimento de seu pensamento frente à temática em questão.

Ora, esta é exatamente a metodologia que justifica este tipo de pesquisa que aqui foi realizada. Seguimos a epistemologia de Monzani (2008), cuja orientação é procurar examinar e demarcar o conjunto dos critérios inerentes à disciplina. Assim pudemos averiguar o raciocínio e a ideia de verdade em relação à noção de tempo que surgiu a partir da leitura dos textos freudianos, ou dito de outra maneira, partimos do pressuposto de que a psicanálise produz um determinado saber que tem seu próprio arcabouço teórico, e, em vez de procurar impor de fora os critérios que se julgam válidos para toda e qualquer disciplina, buscamos o que é intrínseco do modo de produção do discurso psicanalítico frente ao conceito de tempo.

Freud refere-se a tempo pelo termo alemão *zeitlos* e inaugura uma revolução sobre as noções de memória e tempo no final do século XIX. Por outra parte, propõe que se veja a origem da representação do tempo na relação descontínua que o sistema Pré-consciente – Consciente mantém com o mundo exterior, estando a dimensão do tempo ligada aos atos da consciência. Freud faz a ligação entre a

representação do tempo e a do espaço, onde a segunda pode substituir a primeira nos processos inconscientes.

Também na teoria freudiana toda a patologia mostra que a sucessão temporal, lê-se cronológica, não é respeitada, o que igualmente se vê na fantasia que reúne passado, presente e futuro numa mesma representação, e na neurose de transferência que repousa sobre o anacronismo dos afetos. Frente a essas questões, nossa pesquisa buscou reunir elementos a partir dos textos freudianos para entender como o autor foi desenvolvendo a noção de tempo, e, assim, contribuir para a compreensão sobre como se deu o fluxo do pensamento de Freud na concepção deste tema. Para isto, foi preciso seguir o “fio” das proposições freudianas.

A relevância do tema se funda mais precisamente na relação do sujeito com o tempo que é, então, uma questão que perpassa toda a teoria freudiana, seja em relação aos histéricos que sofrem de reminiscências, aos fóbicos no qual o tempo é o tempo de evitação dos representantes da representação fóbica e assim despertam angústia, aos obsessivos, cujas questões giram em torno da hora do (des)encontro e da manutenção da dúvida de ‘fazer parar o tempo’ e com isso evita qualquer conclusão em forma de ato, e também à psicose, na qual encontramos a desconstrução do tempo humano absoluto.

Logo, declaramos que nossa pesquisa começou com a proposição de buscar um tipo de conceito sobre a ideia de tempo em Freud, e, o que sobressaltou foi a nossa descoberta de que o autor não se deteve numa enunciação singular da noção de tempo. Ao invés, deparamo-nos com concepções plurais apoiadas em outros conceitos que esmiuçamos nos três capítulos de nossa dissertação, os quais compreendem a articulação entre: tempo e memória, tempo e repetição, e tempo e finitude.

No primeiro capítulo, a noção de tempo permeia o estreito vínculo desta com os conteúdos de memória, sejam eles lembrados, fantasiados, substituídos, esquecidos ou mesmo recalçados. Nesta relação, o autor nos aponta que não existe precisão histórica, nem mesmo associação cronológica, porém o efeito de significação demonstrado pela memória é um efeito retroativo e cujas lembranças estão formadas como em camadas sobrepostas umas às outras. Com isso, o tempo que foi considerado por Freud não é o tempo diacrônico, já que este é da ordem do sistema consciente, mas o tempo do inconsciente, o qual não é regido pela

sequência cronológica e desafia a visão de tempo linear da qual sabemos estar dividida em dias, meses, anos etc.. Para tanto, percorremos na obra freudiana a ideia de tempo pensada no tocante à memória.

No segundo capítulo, tratamos do tempo a partir da repetição, e com isso encontramos outra nuance da concepção de tempo em Freud, já que o que não é lembrado vem à tona na repetição, e, dessa maneira, emerge a compulsão à repetição, como sendo esse eterno retorno do mesmo. O que se marca, então, é que a repetição pode ser materializada a partir do encontro da temporalidade consciente e da atemporalidade inconsciente. Este encontro assinala o presente absoluto do tempo, o mesmo que resiste a qualquer cronologia. A concepção freudiana de tempo atravessa tanto a noção de memória, num tempo fundamentado num “só depois” e também “retroativo”, quanto a noção de repetição, que aponta para um contínuo retorno. Estas não poderiam ser pensadas sem uma terceira face desta concepção que apresentamos no terceiro capítulo.

Neste, concluímos que o tempo se põe como uma questão para o sujeito a partir da sua relação com o efêmero, a morte, a castração e a finitude. Diante disso, ao tratar da questão do tempo no inconsciente tem-se que ela é atemporal, cujo *a posteriori* se mescla com o anterior, recaindo em sua presentificação. Freud, ao denunciar a ilusão de absoluto e eterno criada pelo homem, demarcou a relevância da temática da finitude, e, obviamente, do tempo, sem o qual essa se tornaria incognoscível e impensável. Todavia, é a finitude que radicaliza esta marca ao trazer o inconsciente como seu objeto, atribuindo-lhe a ignorância da morte e do tempo.

Portanto, o que perpassa as multifaces do tempo em Freud, ou ainda poderíamos dizer, da pluralidade dos tempos na obra freudiana, seria precisamente sua consideração de que o “inconsciente é atemporal”, nossa mola-mestre para destrincharmos a concepção de tempo para a psicanálise de Freud.

CAPÍTULO 1

1. TEMPO E MEMÓRIA

A pesquisa freudiana acerca da sexualidade produziu uma mudança paradigmática na conceitualização das experiências infantis e sua relação com a vida adulta. Em apoio a ela, de um ponto de vista metapsicológico, Freud se dedicou a elaborar uma teoria dos “lugares psíquicos” atravessados e produzidos por operações temporais, de tal maneira que um tratamento analítico fosse realizável. Esses “lugares psíquicos”, que aqui nos referimos e colocamos entre aspas, correspondem à primeira divisão do aparelho psíquico, ou primeira tópica como assim se convencionou chamar, cuja formulação foi descrita em consciente, pré-consciente e inconsciente.

Assim, uma teoria dos “lugares psíquicos” devia questionar a ideia de um tempo linear e de uma memória fiel para que as formações psíquicas pudessem ser ouvidas. Como Freud observou, na Carta 52 de 1896:

Nosso aparelho psíquico se estabeleceu por um processo de estratificação: os materiais presentes sob forma de vestígios mnemônicos se encontram de tempos em tempos remanejados de acordo com as novas circunstâncias. O que há de essencialmente novo na minha teoria é a ideia de que a memória está presente, não uma só vez, mas várias vezes, e que ela se compõe de diversas espécies de signos. (FREUD, 1896/1992, p. 274)

Os vestígios mnemônicos nos convocam, como apontados pelo autor, a pensar sobre a disposição anacrônica destes conteúdos. Mediante uma série de registros e inscrições, os vestígios se integram a uma rede de associações em movimento, que se pode designar como uma memória plural. Esta mesma, que nunca dá lugar a um único e fiel registro de acontecimento vivido, não é mais do que uma rede na qual os elementos assumem seu valor nas relações com outros e nada se conserva idêntico. Logo, um elemento que entra na memória só subsiste quando se liga enquanto vestígio a outros vestígios, e isso implica na possibilidade de ser deslocado nesse dispositivo anacrônico onde se escoia a excitação.

É bom lembrar que é justamente este dispositivo anacrônico que torna viável as condições da escuta no tratamento analítico. Desta forma, a noção de

temporalidade ganha relevância em sua teoria. Relevância esta apontada em vários textos de sua obra, já que a noção de tempo em Freud é uma questão crucial, e, assim sendo, por diversas vezes, está ligada a suas investigações sobre memória. Dentre os textos sobre tal perspectiva temos a *Carta 52* de 1896, *Projeto para uma psicologia científica* de 1895, *Lembranças encobridoras* de 1899 e *Lembranças da infância e lembranças encobridoras* de 1901, além de *Nota sobre o bloco mágico* de 1925.

Como visto, a noção de tempo para a psicanálise freudiana diverge do movimento diacrônico, histórico, entre passado, presente e futuro. Todavia, Freud define o tempo no inconsciente como que funcionando numa espécie de 'contramão da ordem cronológica'; para tomarmos emprestada a expressão de Maria Inês Lamy (LAMY, 2000, p. 1).

A temática da memória é fundamental e tal relevância já foi reconhecida por Freud em *Projeto para uma Psicologia Científica* de 1895 quando declara que qualquer teoria sobre processos psicológicos que se preze deve conter uma explicação sobre a memória (FREUD, 1895/1992). Além do mais, a grande valia do *Projeto* consiste em anunciar temas e conceitos fundamentais para a teoria psicanalítica, os quais mais tarde foram reelaborados e complementados.

Digno de nota também é que o conceito freudiano de memória não se atrela à suposição de que algo realmente ocorreu, mas pode se referir a uma fantasia criada a partir de certos materiais e conteúdos da infância. Para exemplificar e dar suporte a tal afirmação, podemos recorrer às várias "lembranças" infantis remotas que, quando verificadas por outras pessoas que as teriam testemunhado, revelam terem sido alteradas, seja por deslocamentos, condensações, substituições ou combinações de materiais psíquicos.

Neste sentido, lembrar e esquecer seriam ambos recursos adaptativos da psique com o intuito de lidar, por exemplo, com um conflito de desejos opostos, e, dos recursos que aqui nos referimos podemos citar as lembranças encobridoras, criação de fantasias e o próprio mecanismo do recalque. Estes são temas imbricados, mas que aqui trataremos, por uma intenção puramente didática, em subcapítulos distintos.

Pois bem, neste capítulo discutiremos minuciosamente questões a respeito da memória e esquecimentos que dão aporte para nossa pesquisa. Faremos, então, um percurso pela obra freudiana, começando pela relação entre tempos e sonhos, onde no texto *Interpretação dos sonhos* de 1900 o autor indica em nota de rodapé¹ a não espacialidade e a não temporalidade dos processos oníricos. Em seguida apresentaremos a origem da ideia de tempo que é mencionada no texto de 1925 que se intitula *Nota sobre a “lousa mágica”*, para então darmos sequência com temas-conceitos ‘lembranças encobridoras’, ‘fantasias’ e ‘recalque’, e suas relações com o tema aqui trabalhado. Desta forma, visitaremos as elaborações sobre estes a partir dos textos freudianos bem como de comentadores que discutem os mesmos com o intuito de melhor acompanhar o movimento do pensamento em Freud.

1.1 Tempos nos sonhos

A experiência analítica da rememoração a partir do jogo das associações livres é particularmente figurado pela “ficção” de aparelho psíquico que Freud apresenta no capítulo VII da *Interpretação dos Sonhos* (1900/1992), na qual os vestígios mnêmicos se alojam e se deslocam num lugar psíquico, que nada tem a ver com a anatomia cerebral.

Outrora mencionado na *Carta 52* de 1896 endereçada a Wilhelm Fliess, seu amigo e confidente, Freud inicialmente anuncia a relação entre memória e tempo, postulando a primeira tópica do aparelho psíquico (FREUD, 1896/1992) que foi descrita em detalhes na sequência de sua obra. Por hora, ele se ateve à memória como constituída a partir de camadas paralelas ou não, mas que vão se formando e se reorganizando em diferentes tempos. Como declarou, “toda e qualquer função do inconsciente traz em si a marca do tempo” (CASTRO, 2008, p. 63). Tempo este que é curiosamente liberto de duração, que se afirma, por exemplo, na presença simultânea de dois ou mais acontecimentos separados.

Na *Carta 52*, o autor, através de um esquema exposto na página 275, apresenta o aparelho da memória, cujo tema é de grande preocupação, tanto que,

1. Esta se encontra na página 75 do capítulo *E* intitulado *As características psicológicas distintivas dos sonhos* no volume IV.

no *Projeto*, ele parte do princípio de que “uma teoria psicológica digna de consideração precisa fornecer uma explicação para a memória” (FREUD, 1950[1895]/1992, p.343). No esquema freudiano da memória ressaltamos que *W*, da palavra alemã *Wahrnehmungen* (percepções), correspondem aos neurônios em que se originam as percepções e estas se, ligam à consciência, mesmo não conservando traços do que aconteceu, pois, de acordo com Freud, a “consciência e memória se excluem entre si” (FREUD, 1896/1992, p. 275).

Dando sequência ao esquema, *Wz* (*Wahrnehmungszeichen* – indicação da percepção) corresponde ao primeiro registro das percepções e *Ub* (*Unbewusstsein*) equivale ao segundo registro, a inconsciência, ainda sem acesso à consciência (*Bewusstsein* – *Bewusstsein*), de acordo com o autor. Somente a partir do terceiro registro é que ele menciona a possibilidade de ligação com a consciência que é o *Vb* (*Vorbewusstsein* – pré-consciência). Este último, que Freud também chama de ‘*consciência-pensar secundária*’, é posterior no tempo e supõe se ligar à ativação alucinatória das representações verbais. Sendo assim, os neurônios da consciência seriam os mesmos da percepção e, portanto, destituídos de memória.

Assim, a flecha do tempo linear que se distingue em passado, presente e futuro, foi subitamente “contestada por essa presença que põe em jogo a associação dos vestígios mnésicos” (POULICHET, 1996, p. 18). Logo, é no momento em que se manifesta esta presença, pela superposição dos vestígios de um acontecimento presente e de um acontecimento passado, que esse passado pode se ver historicizado e subjetivado, já que é preciso um novo evento para que o antigo ressoe e tenha acesso à presença. Para a psicanálise freudiana, é uma espécie de “já-ali” que só toma corpo posteriormente.

Isto nos revela que a dimensão histórica em Freud não corresponde literalmente ao passado, senão a um passado historiado no presente, e assim demarca um tempo fora do tempo. É no próprio movimento que o sujeito se absorve e se conta como mortal, que faz com que seu passado tenha acesso à dimensão histórica. Todavia, esta não deve ser confundida com o passado, nem tampouco com o vivenciado, porque ela só pode ser revelada na presença do desejo. Tal presença reflete juntos “o passado, presente e futuro como contas de um colar entrelaçados pelo fio do desejo que os une” (FREUD, [1908]1907/1992, p. 130),

segundo definição de Freud em *O poeta e o fantasiar*. Foi neste viés que Freud tomou o desejo mesmo como atemporal, não um fora do tempo, mas em todos os tempos.

Como sabemos, os verdadeiros motores da formação dos sonhos seriam, de acordo com Freud, os desejos infantis indestrutíveis, comparados às “sombras dos infernos” da Odisseia, que se ligam a restos diurnos e com os pensamentos latentes do pré-consciente, transferem para eles a sua intensidade. “O sonho é realmente então o lugar de transferência em que pode se realizar o encontro entre um tempo que passa e um tempo que não passa” (POULICHET, p. 1996, p. 42).

Nesse sentido, o sonhador segue a metamorfose das imagens que se realiza numa jornada de escrita anacrônica. O sujeito, então, liberado de um tempo linear, se torna o objeto no próprio tempo da figuração. No campo do sonho, o criador não é o *Eu* nem o inconsciente, mas o “trabalho do sonho”, em que o processo primário que vale para o inconsciente age sobre figuras e desconexões da linguagem, elas próprias operando enquanto figuras. Posto isso, ele gera formações compostas por deslocamento e condensação, ou dito de outra maneira, figuras plurais não definitivas, em contínua transformação segundo os eixos da simultaneidade e da sucessão.

No campo do sonho, as coisas não são para si mesmas nem para alguém, contudo, elas organizam passagens e o objeto da figuração não é uma coisa, mas o laço de uma coisa com outra. O sonho não é em nada uma cópia louca ou fantástica da realidade deformada pelo desejo. (POULICHET, 1996)

De modo geral, Freud apontou na *Interpretação dos sonhos* (1900/1992) que é a própria pessoa do sonhador que aparece em cada um dos sonhos, ou seja, o sonho continua sendo uma formação narcísica por excelência, e isso não deve ser lido como um simples “egoísmo”, já que a referência que se faz é um trabalho de autoconfiguração pulsional. As pulsões se manifestam de um modo privilegiado no sonho, na medida em que podem, em figuras, ligar-se ao desejo e investir as imagens do *Eu* que nunca, ou quase nunca, aparecem como tal no tempo de vigília.

Poderíamos, de forma breve, ressaltar dois postulados sobre os sonhos para Freud (1900/1992). O primeiro é que o sonho é uma encenação dupla: é ao mesmo tempo uma representação visual e também acústica. E ainda, o sonhador se desdobra entre assistir uma cena da qual ele é na verdade o único autor. O segundo é que todo sonho é a realização de desejos inconscientes, mas que, para o nosso autor, tem um tempo.

O tempo do sonho é assim o do processo de transformação, tempo de figuração das passagens e das substituições, em uma forma de autofiguração dos conflitos psíquicos. Portanto, os sonhos são, efetivamente, os lugares privilegiados de expressão da complexidade dos impasses identificatórios, assim como os sintomas. Desta forma, passando e repassando pelos fios dessas composições que a prensa do sofrimento pode se afrouxar, quando o *Eu* desperto reconhece os espelhos que o capturam e a lógica das suas viradas identificatórias.

Podemos tomar como um erro se reduzirmos o trabalho do sonho e sua linguagem em forma de figuras a um puro jogo de deformação induzido pela censura, apresentando como que maliciosamente um enigma a ser decifrado. Contudo, nesse ponto Freud é ambíguo, pois atribui à interpretação no tratamento analítico a tarefa de restabelecer uma certa “comunicação normal”, transformando o conteúdo manifesto do sonho em conteúdo latente, ou revelando os pensamentos do sonho que precediam a figuração, graças às associações daquele que sonha.

Curiosamente, em 1925, Freud agregou na *Interpretação dos sonhos*, em forma de nota de rodapé, o argumento de que a essência do sonho não é mais que o trabalho do sonho. “O trabalho do sonho não pensa nem calcula; de um modo mais geral, ele não julga; ele se contenta em transformar” (FREUD, 1900/1992, p. 439). Isto é, neste caso o próprio trabalho onírico independe de uma lógica de pensamento, pois objetos e pessoas se mesclam, se sobrepõem e se aglomeram em construções que Freud nomeou *condensação* e *deslocamento*, processos básicos da formação dos sonhos. Neste mesmo ano Freud escreveu o artigo sobre o bloco mágico que trataremos na sequência.

1.2 A ilustração da “lousa mágica”

Embora Freud tenha escrito *Nota sobre o bloco mágico* mais de vinte anos após a *Interpretação dos sonhos*, é no breve escrito de 1925 que podemos identificar a noção singular de associação, chave do carácter criativo da memória.

Freud passava longe de imaginar os recursos de armazenamento de informações dos quais temos fácil e amplo acesso em nossos dias, propiciados pelo avanço e sofisticação da computação e informática. Todavia, o artefato do bloco mágico, aparelho que estava sendo comercializado na época, chamou-lhe a atenção e o fez pensar numa equiparação com a estrutura e funcionamento do aparelho psíquico. Assim como este, o objeto tinha a capacidade de receber novas informações e escritas, da mesma forma que podia reter os vestígios de impressões anteriormente gravadas.

O dispositivo do bloco mágico consiste numa prancha de escrever feita de cera ou resina e uma dupla cobertura transparente, como dois sistemas (mnêmico e perceptivo) interligados pelas bordas. A primeira folha consiste em uma camada protetora para contato com o estilete, que funciona como uma espécie de caneta, enquanto a segunda recebe a impressão do que é escrito e, ao serem separadas, o bloco fica livre para novas anotações.

Seguindo com a ilustração, Freud nos lembra que o bloco fornece traços duradouros como uma folha de papel normal e intacta, além da superfície receptora que pode ser utilizada novamente. A camada que recebe os estímulos (sistema pré-consciente e consciente – *Pcp-Cs*) não recebe traços bases para as lembranças, todavia ela é o mecanismo de acesso para a formação das mesmas. Já a tábua por trás delas corresponderia ao inconsciente que:

(...) através do sistema *Pcp-Cs*, estendesse para o mundo exterior antenas que fossem rapidamente recolhidas, após lhe haverem experimentado as excitações. Assim, as interrupções que no Bloco Mágico acontecem a partir de fora se dariam pela descontinuidade da corrente de inervação, e no lugar de uma verdadeira suspensão do contato haveria, em minha hipótese, a periódica não excitabilidade do sistema perceptivo. Também conjecturei que esse funcionamento descontínuo do sistema *Pcp-Cs* estaria na origem da ideia de tempo. (FREUD, 1925/1992, p. 248)

Freud ressaltou aí a possível origem da ideia de tempo através do funcionamento descontínuo dos sistemas *Pré-consciente* e *Consciente*, demonstrando uma não equivalência cronológica entre eles e também demarcando sua relação a partir da memória. De fato, a origem do conceito de tempo, em nota de rodapé da mesma página, foi sugerida em *Além do princípio do prazer* de 1920, e insinuado mais cedo em *O Inconsciente* de 1915.

Sobre a tomada de notas, Freud assegura que a mesma serve justamente para completar e garantir quando nós, neuróticos, desconfiamos da nossa própria memória. Para tal, a superfície que conserva a anotação torna-se uma porção materializada do aparelho mnêmico que carregamos e assim podemos utilizar a “recordação” fixada e reproduzi-la a nosso bel-prazer. Com isso, teremos os conteúdos a qualquer momento e de forma segura, sem correr o risco de sofrer deformações na memória, marcando um “traço mnêmico duradouro”.

Uma desvantagem apontada pelo autor seria a incapacidade da superfície receptora de ter espaço suficiente para novas anotações, ou mesmo, de alguma anotação poder perder o seu valor quando o interesse pela mesma já não mais existir depois de certo tempo. O bloco mágico serviu assim como uma ilustração dos aparelhos mnemônicos e perceptivos já que nosso aparelho psíquico realiza exatamente o que os mecanismos de escrita e anotações que recorreremos não dão conta.

Para Freud, há dois meios de suplementação da função mnêmica. De uma forma, é possível preservar de maneira intacta uma anotação ao longo de uma duração indefinida de tempo, tal como ocorre nos traços permanentes de memória. Com isso, a desvantagem consiste no limite da capacidade receptiva da superfície sobre a qual se anota, pois que perde seu valor quando não mais se deseja reter aquela informação. De outra forma, podemos escrever sobre uma superfície na qual a escrita pode ser apagada, e neste caso a desvantagem é justamente a impossibilidade de permanência.

Um exame atento do bloco mágico permite Freud sinalizar que a construção deste equipamento apresenta uma visível concordância com a estrutura hipotética de nosso aparelho perceptual, que pode fornecer tanto uma superfície receptiva

sempre pronta, como traços permanentes das notas feitas sobre a mesma (FREUD, 1925[1924]/1992). Assim, a pequena prancha realiza uma curiosa combinação entre os dois procedimentos, na medida em que “fornece não apenas uma superfície receptiva, utilizável repetidas vezes como uma lousa, mas também traços permanentes do que foi escrito como um bloco comum de papel: ele soluciona o problema de combinar as duas funções dividindo-as entre duas partes ou sistemas componentes separados, mas inter-relacionados” (FREUD, 1925[1924]/1992, p.246)

Nota-se aí que as funções das quais o autor está falando são as funções dos sistemas pré-consciente e consciente, as quais não podem ser desvinculadas, mas formam um único sistema. Dentre os sistemas que compõem o psiquismo este é o que mais próximo fica da superfície, ou seja, do mundo externo. Contudo, ele não tem uma posição de receptor passivo de estimulações com relação ao mundo externo. A percepção, que se relaciona com a consciência, já é por si mesma um trabalho, um processo psíquico, ou ainda uma atividade sobre os estímulos advindos do mundo externo. O que é justamente nesta atividade que Freud denota a possibilidade de formarmos a ideia de tempo.

Ao seguirmos a hipótese freudiana, temos que não somos capazes de perceber todos os estímulos provenientes do exterior, o que poderia cair em colapso. No entanto, o aparelho perceptual consiste em duas camadas, sendo a qual funcionará como um escudo protetor, para poder diminuir a intensidade das excitações que chegam ao psiquismo, e outra camada que recebe os estímulos já atenuados, que é o sistema *Pcpt-Cs* propriamente dito. Pois bem, mas seria possível que a diminuição de excitação não fosse suficiente, pois este sistema, o sistema *Pcpt-Cs*, é completamente poroso e, portanto, permeável ao que nele penetra, levando o psiquismo ao desmoronamento.

No entanto, é necessário um outro mecanismo que garanta o bom funcionamento do aparelho psíquico, que não o proteja apenas dos excessos, mas também que assegure um controle satisfatório das estimulações. Com isso, nós percebemos em rápidos e descontínuos flashes, e o sistema *Pcpt-Cs* recebe as estimulações, mas delas não se retém qualquer traço. (GONDAR, 1995)

Segundo nos parece, isso faz com que nosso autor recorra à temporalidade para dar conta da função psicológica da memória, presumindo que é neste modo peculiar de trabalho do sistema *Pcpt-Cs* que Freud localiza a formação da ideia de tempo (FREUD, 1925/1992).

Assim sendo, perguntamo-nos como Freud pode pensar a memória a partir das próprias lembranças que os seus pacientes em análise traziam, e que proporcionou escrever dois textos com títulos muito próximos, que são *Sobre as lembranças encobridoras* em 1899 e *Lembranças de infância e lembranças encobridoras* de 1901. Vamos partir destes e averiguar como eles podem endossar nossa discussão sobre memória e tempo.

1.3 Lembranças encobridoras

Em geral, numa descrição fenomenológica, pensamos que lembrar inclui em si a ideia de representar algo efetivamente vivido no passado e que retorna no tempo presente. Ou descrito de outra forma, ao dizermos que nos lembramos de algo, estamos relatando que tal situação acontecera num passado qualquer e esta se apresenta à consciência, pois já tivera sido experienciado uma primeira vez. Freud recusa esta perspectiva dizendo que o que se lembra nem sempre é algo deveras vivido anteriormente, por exemplo, em *Lembranças encobridoras* (FREUD, 1899/1992).

Neste, ao tomar como exemplo uma lembrança de um hipotético² paciente de trinta e oito anos, Freud chega a concluir que a recordação vivenciada de um fato de sua remota infância (aos dois ou três anos), a princípio inocente, teria sido, por associação com acontecimentos e fantasias de seus dezessete anos, para dar conta das dificuldades pelas quais ele passava aos vinte (FREUD, 1899/1992, p. 291-315). As circunstâncias para tais vivências tendenciosas estariam vinculadas numa cadeia representativa que estabelece uma relação conflituosa entre desejos opostos. Isso já

2. Aqui nos referimos como "hipotético" tendo em vista que este fora citado por Sigmund Freud, no texto em estudo, como paciente, porém Strachey nos revela que se tratava do próprio Freud e da interpretação que ele faz de suas memórias infantis.

nos antecipa a formulação do processo de recalque que destrincharemos melhor mais à frente.

No caso exposto previamente, Freud deixou clara a surpresa que, por um lado, podemos recordar alguma coisa aparentemente irrelevante e, por outro, esquecer algo que é emocionalmente importante. As vivências dos primeiros anos apesar de serem muito marcantes não são tão fidedignas quanto pensamos muitas vezes, e, quando temos acesso a algumas recordações, estas são fragmentadas e isoladas.

O fato que Freud chamou de amnésia infantil foi explicado pelo mecanismo do recalque após a saída do complexo de Édipo³, ocasião em que sobrevém um véu sobre os primeiros anos de vida. Já a partir do sexto ou sétimo ano de vida, ocorre uma proporção equivalente entre a relevância psíquica da experiência e sua retenção na memória, ou não, como nos casos de obliamento (CASANAVE, 2008). Posto tal problema, a pergunta seria o porquê disso acontecer com algumas memórias e outras não, ou ainda, qual a importância da noção de ‘lembranças encobridoras’ que ganhou sua especificidade em Freud e o motivou a publicar um segundo artigo sobre a mesma temática na *Monatsschrift für Psychiatrie und Neurologie* que se encontra no capítulo IV⁴ de *Sobre a Psicopatologia da vida cotidiana* de 1901.

No primeiro texto acima mencionado, o autor inicia a discussão asseverando, sem que haja qualquer contestação, que todos reconhecem a importância e as marcas que as experiências infantis deixam em nossa mente. Todavia, quando tentamos investigar em nossa memória quais as impressões que se destinam a nos influenciar por toda a vida, o resultado é praticamente nulo (FREUD, 1899/1992, p. 297). Por conseguinte, o interesse se volta ao conteúdo dessas primeiras lembranças que se constituem tanto de situações de medo, vergonha e dor física quanto de acontecimentos importantes como doenças, mortes, incêndios, nascimentos de irmãos e outros. Em contrapartida, existem pessoas que se recordam de eventos cotidianos e até mesmo irrelevantes que não causariam

3. Neste tomamos como parâmetro a idade de mais ou menos cinco anos de vida, segundo a indicação do próprio autor.

4. Este se intitula *Lembranças da Infância e Lembranças Encobridoras*.

nenhum efeito emocional. É nesse ponto que Freud defende a ideia de que os elementos da experiência foram omitidos e em análise pode-se descobrir as partes que faltam para compor a cena infantil (FREUD, 1899/1992, p. 300).

Sob a leitura de Casanave, as lembranças infantis ganharam uma especificidade na concepção de memória como uma função de certidão e conservação da atividade imaginativa, compreendendo a memória não como algo realmente fidedigno à experiência, mas que comporta um propósito de adaptação. Assim, lembramos ou esquecemos algo com a finalidade de defender o psiquismo da angústia que se estabelece a partir de “*ideais e desejos opostos*” (CASANAVE, 2009, p. 122-123). Dito ainda de outra maneira, os elementos principais de uma experiência são representados na memória por outros de mérito caracteristicamente menor.

É por este viés que a noção de ‘lembranças encobridoras’ alude a diversas questões que se cruzam e se influenciam mutuamente e associadas às impressões infantis e abrem caminho para o surgimento de memórias, ou mesmo eclodem em esquecimentos tendo em vista um conflito de forças que se originam seja pela resistência ou recalçamento (BASTOS, 1999 p. 3).

Na concepção de Freud, o processo em ação que fora percebido compõe-se de conflito, recalçamento e substituição por algo próximo. Então, a lembrança encobridora nasce como um reflexo da fantasia, o que intriga pelo fato de apresentar-se tão claramente e, aparentemente, sem importância, mas de conteúdo imprescindível. Almeida ainda nos assevera e nos questiona:

Como é possível termos olvidado algo que, sob todos os aspectos, consideramos importante, enquanto que (...) verificamos ter conservado na memória aquilo que aparentemente resultara insignificante, ou indiferente. (ALMEIDA, 2016, p. 52)

Numa seleção *a priori* ilógica de lembranças e esquecimentos nos deparamos com experiências cujo conteúdo e impressões são dignas de significação já que eram carregadas de afeto. Como nos referimos anteriormente, situações inusitadas como doenças, perdas, medos e mortes.

Todavia, o fato mais notável e que surpreende Freud é que nas mais remotas lembranças da infância de uma pessoa o que se preserva na memória é o que lhe parece indiferente, insignificante ou sem importância, e amiúde, mas não universalmente, “na memória dos adultos, não se encontra nenhum vestígio de impressões importantes, muito intensas e plenas de afeto” (FREUD, 1901/1992, p. 48). Foi justamente em *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana* que o autor retomou tal questão e referiu a memória como o mecanismo que elege algumas impressões em detrimento de outras, mas não ofereceu ainda uma explicação de como esta seleção é realizada.

Até então, Freud nos guiou pela consideração de que as lembranças de infância que são consideradas indiferentes devem sua existência e preservação ao mesmo processo inconsciente da vida onírica – o deslocamento. Isto é, o seu conteúdo é substituído por impressões, imagens ou fantasias que tem um vínculo associativo entre tal conteúdo e outro que está recalçado. É, portanto, através de uma análise psíquica que podemos trilhar e atingir as menções que lá estiveram presentes de alguma forma.

Mais uma vez no texto de 1901, Freud relatou que quando escreveu o texto “*Lembranças encobridoras*” de 1899 tinha apenas tangenciado, mas ainda sem esgotar, a pluralidade dos vínculos e sentidos de tais lembranças, sendo que o que analisou em detalhes e ênfase foi a “peculiaridade da relação *temporal*⁵ entre as lembranças encobridoras e o conteúdo encoberto por ela” (Ibidem, p. 48-49). Esta relação de temporalidade que mais nos interessa permeia a estreita relação entre conteúdos de memória, sejam eles realmente lembrados, fantasiados, substituídos ou mesmo esquecidos.

O conceito do qual na obra freudiana se chama de ‘lembrança encobridora’ atravessa duas classes distintas⁶ que são citadas como as primeiras lembranças da infância, ou seja, as mesmas das quais não se têm uma completude ou segurança de sua veracidade, e também as lembranças que se formaram a partir de restos de lembranças relativas a fases subsequentes da vida. Isto posto, de acordo com Almeida, não são os conteúdos em si que precisam ser analisados, nem mesmo a

5. Grifo do autor.

6. Aqui voltamos ao texto *Lembranças encobridoras* de [(1899)1992], Tomo III.

veracidade dos mesmos, mas preferivelmente o porquê desses conteúdos e como estes são “sentidos, considerados e representados por algo que *fala* no sujeito, apesar do sujeito” (ALMEIDA, 2016, p. 53, grifo do autor).

O que nos toma como questionamento é, pontualmente, a razão pela qual alguns conteúdos que eram dignos de nota foram encobertos e ao mesmo tempo religados a épocas posteriores da vida do sujeito. Para Freud:

O conteúdo da lembrança encobridora pertencia a um dos primeiros anos da infância, ao passo que as vivências de pensamento por ela substituídas na memória, que haviam permanecido quase inconscientes, correspondiam a épocas posteriores da vida do sujeito. Denominei esse tipo de deslocamento de *retroativo* ou *retrocedente*. (FREUD, 1899/1992, p. 297 – grifos do autor)

Freud, como compreende Bocca (2008), reflete sobre nossas memórias infantis a partir de uma consideração pelo seu conteúdo. Conteúdo este que fora deslocado retroativamente, mas que pode ter acesso através de sua análise. Diz ainda Freud que algo que nós adultos esperaríamos seria justamente a recordação de conteúdos que estavam diretamente relacionados com experiências que provocaram emoções poderosas e de grande importância, contudo, o que se nota é o seu oposto. Nestes casos, Freud atribui à corriqueira explicação que os conteúdos retidos na memória ficaram encobertos, incompletos ou com partes relevantes omissas.

Para avançarmos na questão do porquê dessas omissões ou encobrimentos, Freud nos aponta que estes servem para dar conta de uma conciliação de forças opostas, que não se anulam, nem mesmo predominam uma sobre a outra.

Estas duas forças de efeito opostas não se anulam mutuamente; nem acontece de uma subjugar a outra, com ou sem prejuízo - mas segue efeito de compromisso, de forma análoga à formação de um paralelogramo de forças resultante dentro da razão. O compromisso aqui é que não é a experiência em questão, que oferece a imagem de memória – neste aspecto, a resistência prevalece -, mas é outro elemento psíquico ligado ao elemento chocante vindo caminhos associativos. (FREUD, 1899/1992, p. 301)

O traço de memória é, então, um resultado da resistência ao conteúdo ou elemento rejeitado que é deslocado para outro traço ou imagem que tem uma associação com o evento original. Assim, o acordo onde o que prevalece é algo secundário, lateral e deslocado do centro da experiência relevante, torna a

lembrança encoberta composta de maneira a parecer trivial e destituída de valor aparente. Sendo assim, as memórias infantis corresponderiam aos casos nos quais os elementos essenciais de uma experiência são substituídos por elementos não importantes, mas cuja representação os fazem estar, de alguma forma, ligados e associados.

Não obstante, podemos antecipar que tais lembranças encobridoras nos servem justamente para acobertar um evento posterior. No texto freudiano, como já mencionado anteriormente, trata-se do exemplo de seu suposto paciente cuja vívida recordação de um fato que acontecera na infância mais remota (aos dois ou três anos) havia sido construída por associação com acontecimentos e fantasias de seus dezessete anos, para dar conta de dificuldades que ele passara aos vinte (LAMY, 2000). Na sequência, voltaremos à questão da fantasia por seu imprescindível laço com o conceito de “lembranças encobridoras” tratado aqui.

Numa sucinta exposição do caso apresentado por Freud em *Lembranças encobridoras* de 1899, relata uma percepção eminentemente sensorial, não obstante sem qualquer relevância, do lugar onde ele mesmo nasceu e que persiste em sua memória. O autor então nos descreve uma pradaria verde e em declive com uma grande quantidade de flores de cor amarela, como dentes-de-leão comuns. Rememora uma casa de campo com duas mulheres conversando alegremente em sua frente e três crianças que brincavam na grama, sendo uma delas o “próprio” paciente nos seus dois ou três anos de idade, um primo mais velho que ele e sua irmã de idade bem próxima. Todos colhem flores e estão segurando um ramo, mas o da menina é o mais bonito, o que faz com que os meninos se juntem e então lhe tomam o ramallete. Esta vai chorando ao encontro de duas mulheres que estavam conversando, quando uma delas lhe dá um grande pedaço de pão preto como tentativa de consolo. Ao verem isso, eles jogam as flores no chão e correm em direção à mulher que também lhes dá pedaços do delicioso pão cortados com uma longa faca. A cena se encerra neste ponto.

Outra cena que corrobora com esta é uma segunda lembrança de quando o “paciente”, ou melhor, o próprio Freud, tinha dezessete anos e retornou pela primeira vez à cidade que nasceu para passar as férias. Naquela época, havia uma garota de quinze anos que usava um vestido amarelo e o deixou impressionado, apaixonando-

se imediatamente e pela primeira vez. Esta garota logo deixou a cidade para dar continuidade aos seus estudos, o que fez com que Freud, a partir dessa perda, passasse a “sonhar” com uma revisão de sua vida que lhe permitisse um desfecho positivo e favorável em relação ao amor nutrido.

Ambos os eventos passaram a ser trabalhados em análise por sua estreita relação. Foi aí que o autor nos mostrou que as fantasias da adolescência aconteceram para dar sustento e composição à cena de sua tenra infância. Tal perspectiva confere a esta o título de obra de ficção já que a lembrança infantil tinha a finalidade de “representar na memória impressões e pensamentos de uma data posterior cujo conteúdo está ligado a ela por elos simbólicos ou semelhantes” (FREUD, 1899/1992, p. 309), o que aponta para o cerne do conceito de “lembranças encobridoras” (*Deckerinnerung*), cunhado por Freud nesse texto.

A lembrança, que não necessariamente é da infância, está ligada a esta e foi compreendida tempos depois. Sendo assim, quando a lembrança é interpretada, ela perde seu estado pueril e ingênuo; desloca-se, todavia, para representar as fantasias de fases posteriores que foram enrustidas e reprimidas pelo sentido de conflito de forças.

O que frisamos aqui é o vínculo associativo dessas lembranças, como no exposto caso de um menino que retira as flores amarelas de uma menina e posteriormente liga-se com a imagem da primeira paixão quando adolescente e seu desejo de deflorá-la, interpretou Freud.

Suas palavras sobre a lembrança encobridora demonstram sua dimensão de realidade psíquica, não considerando, todavia, como uma verdade necessariamente factual. Tendo isto em vista, surge-nos o questionamento sobre quais são as relações entre o advento de uma lembrança e o preenchimento das chamadas lacunas de memória (BASTOS, 1999, p. 2). Mais ainda, que o aparecimento de tal recordação não garante um avanço no processo analítico, ou de conhecimento da vida do sujeito, longe disso. Tal recordação guarda uma cadeia associativa que deixa o sujeito preso a uma suposta imagem, num suposto espaço e num suposto tempo.

A natureza de uma lembrança encobridora é, portanto, baseada na formação substitutiva de fantasias que ocorreram na juventude e foram recalçadas. Também não podemos nos contentar em dizer que ela é distorcida ou ilegítima, mas antes que a lembrança não é dotada de “precisão histórica” (Ibidem, p. 3). De fato, ela parece estar como em camadas sobrepostas umas às outras, como ilustrado a partir do bloco mágico, como descrito em 1925[1924].

Contudo, é preciso reconhecer que embora Freud tenha escrito os textos *Lembranças encobridoras* e *Lembranças da infância e lembranças encobridoras*, respectivamente em 1899 e 1901, o segundo nos traz algo novo. Na comparação entre ambos, para além das formações das lembranças que o autor intitula de encobridoras, é no escrito de 1901 que Freud registra a influência das fantasias, tanto nas lembranças quanto nos esquecimentos, o que, por sua vez, estão associadas à realização de desejo.

1.4 Fantasias

Em relação às fantasias, Freud, no Rascunho M⁷, apontou que elas se produzem, ou ainda, se originam de uma combinação inconsciente de vivências e coisas escutadas, cuja tendência é tornar a lembrança da qual os sintomas poderiam emergir. Logo, há na ideia freudiana a função substitutiva da encenação imaginária da qual o indivíduo está presente, porém fora deformada por processos defensivos (FREUD, 1897/1992).

Como já consideramos, a formação das lembranças encobridoras é resultado de operações associativas, ou melhor dizendo, de um trabalho psíquico que dá origem à fantasia, numa conjectura de composições e decomposições da “química” mental (CASANAVE, 2008, p. 143). Assim sendo, uma representação pode emanar de outras sem que necessariamente seja a simples soma das partes envolvidas. Neste processo, observamos que uma representação se alude a algo que não existiu de fato, mas que se reproduz a partir de experiências de um desejo articulado de acordo com uma fantasia.

7. Este se encontra como anexo à Carta 63, não incluída no volume 1 de acordo com nota de rodapé da página 292, e está datada de 25 de maio de 1897.

Sobre a composição e deformação da qual as fantasias se constroem, Freud ainda no Rascunho M, precisa:

O primeiro tipo de deformação é a falsificação da lembrança por fragmentação, o que implica um desprezo das relações cronológicas (as correções cronológicas parecem depender da atividade do sistema-consciência). Um fragmento da cena vista fica então ligado na fantasia a um fragmento da cena escutada, enquanto que o fragmento liberado entra numa outra conexão. (FREUD, 1897/1992, p.293)

Nesta perspectiva, o autor admite que existe uma relação entre a alteração da lembrança (em pedaços) com o desprezo do tempo cronológico, pois este depende do sistema consciente, enquanto as fantasias são de ordem inconsciente, visto que as fabulações inconscientes atendem ao processo de defesa.

Também Freud confirma sua tese de que em determinadas lembranças o sujeito se vê externo à cena, ou seja, como expectador de seu próprio espetáculo. Este, por sua vez, é feito a partir de combinações e deformações de experiências e coisas que foram escutadas, assim como ocorre no próprio mecanismo de formação dos sonhos⁸. Há, então, um (des)arranjo entre o que fora visto e também escutado que são o cerne da formação das fantasias, ainda que não façam conexão com o tempo cronológico, já que a criação da fantasia é um produto da atividade inconsciente.

Foi, a partir de 1897, que Freud promoveu uma ruptura de pensamento, quando admitiu na carta 69 a Fliess que já não acreditava mais na sua *neurótica*⁹, ou seja, na teoria de sedução das neuroses (FREUD, 1897/1992). Freud, então, neste momento abandona a teoria da sedução que vinha sustentando nos últimos cinco anos e, ao invés de tomar este fato como uma espécie de derrota, sente-se vitorioso por conseguir ir mais a fundo, mesmo que para isso tenha admitido que estava enganado quanto à teoria do trauma.

A articulação da teoria da sedução se encontra no *Projeto para uma psicologia científica* de 1895 e publicado em 1950. Dele elencaremos alguns pontos principais. De maneira resumida temos que, primeiro, Freud aponta que somente as “representações sexuais” são objeto de defesa patológica e podem se constituir em

8. Para mais sobre este assunto, sugerimos a leitura do capítulo VI “O trabalho do sonho”, no volume IV das Obras Completas de Freud de 1987[1900].
9. Grifo do autor (FREUD, 1897/1992, p. 301).

fontes de sintomas neuróticos. Segundo, ao se investigar a gênese dos sintomas histéricos, sempre se chega a uma cena de sedução, que não é compreendida pelo infante porque este ainda não tem “acesso” à sexualidade¹⁰. Um terceiro e derradeiro ponto que aqui indicamos sobre o *Projeto*, é que com a irrupção da sexualidade na pubescência a primeira cena é evocada pelo sujeito e agora compreendida. O efeito retroativo de significação leva o “eu” a um estado de surpresa e assim o aparecimento do sintoma é posto como uma defesa patológica.

Ao nos embrenharmos na psicanálise freudiana, observamos que ele faz uma mudança profunda na concepção da teoria da sedução. Monzani vê este movimento como sendo uma cisão de pensamento, apontando como algo fundamental para o avanço da psicanálise e que, é a partir dessa reviravolta, que Freud pôde avançar e elaborar três conceitos chaves na sua teoria que são: a sexualidade infantil, o complexo de Édipo e a fantasia (MONZANI, 2014). É justamente sobre este último conceito que Monzani nos alerta para o que é a base essencial da psicanálise, já que a fantasia vem para substituir a teoria da sedução. Melhor dizendo, que a sedução da qual Freud vinha acreditando era tão somente uma fantasia, e que esta tem um papel preponderante na explicação da etiologia dos sintomas.

O “abandono” da teoria da sedução, ou melhor dizendo, a mudança de perspectiva em relação à teoria da sedução, fez com que Freud valorizasse mais o papel da fantasia que, por sua vez, entendida como a expressão do desejo de ser seduzido e não que a sedução tenha realmente acontecido, ocupa a função explicativa que até então era de domínio da teoria de sedução. Isso impulsionou Freud a repensar dois pontos: primeiro, sobre a noção de cena primária, na qual a sedução podia dar subsídios à teoria, mas ela é dissolvida já que o acontecimento concreto da cena sedutora por parte de um adulto não correspondia necessariamente a uma realidade, e, segundo, que se perde também a possibilidade de ligação da gênese dos sintomas com a influência de fatores externos.

A teoria freudiana passou assim por um desequilíbrio, já que a teoria de sedução parecia dar conta da explicação dos sintomas histéricos, porém, é com a

10. Cabe lembrar que ainda neste momento, Freud pensava como os seus contemporâneos já que acreditavam que a sexualidade só se irrompia na puberdade. O que, como já sabemos, o autor rompe com tal pensamento *a posteriori* ao formular sobre a sexualidade infantil no texto clássico texto sobre os *Três ensaios*.

análise sob o viés da fantasia que o autor pode declarar o melhor entendimento e compreensão da constituição do sintoma neurótico. Na Carta 59¹¹ ele mesmo nos diz:

O chiste que me escapou na solução da histeria está na descoberta de uma nova fonte a partir da qual surge um novo elemento da produção inconsciente. O que tenho em mente são as fantasias históricas, que habitualmente, segundo me parece, remontam a coisas ouvidas pelas crianças em tenra idade e compreendidas mais tarde. A idade em que elas captam informações dessa ordem é realmente surpreendente – dos seis ou sete meses em diante. (FREUD, 1897/1992, p. 285)

Dessa forma, Freud assegura que o aspecto relativo à histeria do qual ele até então não tinha se dado conta, e que nomeou de chiste¹², é um elemento de formação inconsciente, este que, por sua vez, o autor se refere às fantasias históricas. Tais fantasias aludem a coisas ouvidas aos seis ou sete meses de vida e somente compreendidas posteriormente – *nachträglich*¹³, trazendo para o foco a noção de cena primária.

Tal noção é de fundamental importância na teoria freudiana, pois o que durante muito tempo Freud relegava à teoria da sedução mais tarde ele retomou com a noção de fantasia. É neste âmbito que Monzani (2014) aponta para o papel crucial da fantasia na constituição do sintoma neurótico, que vai ganhando mais destaque na sequência da obra de Freud. A sedução, então, foi repensada e retomada, porém não em sua forma original baseada na ausência da sexualidade infantil. Trata-se do ponto mais que evidente da grande contribuição freudiana e que contrariava a todos da época, ao apontar para a existência da sexualidade desde o início da vida.

Agora as coisas ficam bem mais explicadas: a sedução enquanto ato pontual nada mais é que um caso-limite que, embora mais frequentemente do que se pensa, não é universal. Atrás desses atos manifestos e detectáveis esconde-se um outro tipo de sedução, mais amplo, universal, a grande sedução, fatal e coercitiva, que se concretiza no desenrolar do drama edípico. (Ibidem, p. 53)

-
11. Carta datada de Viena, em 6 de abril de 1897 e cuja observação é retomada, segundo nota nesta mesma carta, do “Homem dos Lobos” sobre a relação sexual de seus pais quando ele tinha aproximadamente um ano e meio de idade.
 12. Cabe esclarecer que a palavra ‘chiste’ aparece na tradução das obras completas pela Amorrotu, e o texto *O Chiste e sua relação com o inconsciente* só fora escrito em 1905.
 13. Termo alemão usado por Freud, que significa *a posteriori* ou posteriormente, e fora acrescentado à tradução da referência que aqui estamos trabalhando (FREUD, 1897/1992, p. 285). Por ser um termo de relevância na discussão do conceito de tempo em Freud, este se encontra desenvolvido no capítulo seguinte de nossa dissertação.

O inusitado foi o reconhecimento da não-universalidade da sedução, mas porém como algo peculiar do drama edipiano. Reconhece que a sedução não ocorrera necessariamente, mas que houve uma fantasia de sedução por parte das crianças. É nisso que Monzani alerta para “um outro tipo de sedução”, este sim de caráter universal.

Assim, perguntamo-nos qual seria a ligação entre lembranças de infância e fantasias, cuja saída parece se basear na influência de reciprocidade entre as memórias infantis e as fantasias, já que estas são de extrema importância para a psicanálise. As fantasias, de acordo com Freud, resultam de lembranças que se fundem na transfiguração de meios de realização de desejo. Isto já fora descrito no Rascunho M como anexado à carta 63 de 25 de maio de 1897, e como já referimos anteriormente, as fantasias, para Freud, se originam de uma combinação inconsciente, sendo construídas por um processo de fusão e desfiguração. Tudo isto, neste instante, mostra que a teoria freudiana já demarca que as relações cronológicas estão postas de lado, onde estas últimas “parecem depender justamente da atividade do sistema consciente” (FREUD, 1897/1992, p. 293). Mais uma vez, ressaltamos que não há relação cronológica no sistema consciente.

Na concepção freudiana, as fantasias e as memórias de infância se influenciam reciprocamente, sendo que as fantasias emergem justamente a partir da mistura de lembranças de maneira que se tornam formas de realização de desejo. Segundo Casanave, temos que “toda a fantasia recalcada tende a deslizar para a cena infantil” (CASANAVE, 2008, p. 145). A fantasia é então composta a partir de elementos reais da memória, e a lembrança da infância não possui relevância psíquica em si mesma, mas, sobretudo, ao conteúdo recalcado a que a mesma se refere. Sendo assim, apesar da recordação não ser fiel a um determinado conteúdo, este se torna presente através da fantasia e o que é de valor é encoberto para proteger o *Eu* do desprazer.

Há nisso uma questão conflitante como nos referimos anteriormente e aqui retomamos devido à sua importância. Este conflito parte do princípio de que a fantasia é uma “cena inconsciente destinada a satisfazer um desejo incestuoso que não pode se realizar” (NASIO, 2007, p. 10) ou, dito de outro modo, ela é uma encenação psíquica da satisfação de um desejo que não pode ser saciado na

realidade. Disto tomamos o valor da construção fantasiosa cuja função é a de substituir a satisfação real impossível por uma satisfação fantasiada possível. O desejo, todavia, nunca será plenamente saciado e a busca do sujeito é por uma reinvenção ou recriação da cena no intuito de satisfação do desejo inconsciente.

A esta altura, é preciso lembrar que a fantasia da qual aqui estamos tratando, e isto está reverberado em Nasio (2007), não é um vago devaneio ou monólogo interior, é acima de tudo, uma curta cena dramática que se repete e nunca é claramente percebida pela consciência. Dela só temos acesso através do que sentimos emocionalmente, sem mesmo saber que é a causa de nossas emoções, já que não a vemos mentalmente. A fantasia é, em geral, uma cena inconsciente destinada a satisfazer um desejo incestuoso, e, portanto, não realizável já que o filho não copulará com a mãe ou pai, nem mesmo a filha o fará com seu pai ou sua mãe. Ainda se o fizesse seu desejo continuaria insatisfeito.

Vale acentuar que o conteúdo da fantasia está relacionado à busca de prazer frente a desejos sexuais e agressivos no corpo do outro, porém isso é uma espécie de caricatura. Não estamos falando de desejos pornográficos ou mesmo de uma cena de terror. Insistimos aqui que os desejos são um misto de erotismo e agressividade pueris, como se o sujeito recriasse por meio de “brincadeiras” e “mímicas” seus desejos cruéis e sexuais (Ibidem, p. 14-15). Todavia, frente à intensidade do desejo e impossibilidade de sua satisfação, cabe à instância do *Eu* se defender através da criação de uma fantasia ou mesmo através do processo de recalque que destacaremos melhor na continuação.

1.5 Recalque

Quando analisamos o caso mencionado em *Lembranças encobridoras* de 1899, onde é descrito e interpretado a própria recordação de Freud quando criança, torna-se evidente o elo entre lembranças, fantasias e recalque. Vale acrescentar que foi justamente com os casos de histeria que Freud expandiu o mecanismo de fulcral relevância para a psicanálise – o recalque, e com isso, penetrou mais a fundo nas investigações sobre as neuroses.

Na Carta 52, Freud acentua o fato de que “os sucessivos registros representam a realização psíquica de épocas sucessivas da vida” (FREUD, 1897/1992, p.276), mas estas passam por uma tradução do material psíquico. Quando há, todavia, uma falha nesta tradução, que é geralmente por uma produção de desprazer, aí se encontra o processo de *recalque*, que foi mais detalhado em parágrafos posteriores da Carta como sendo uma ‘defesa patológica’ frente a um evento de natureza sexual e sua ocorrência na fase anterior, enquanto que o prazer não inibido constitui uma *compulsão* que assegura a repetição pela busca de tal prazer.

Freud nos mostrou uma memória seletiva, marcada por rearranjos e reorganizações dos traços mnêmicos que a compõem. Mostrou também o que se inscreve no aparelho psíquico, parte das noções de traço mnêmico e *fueros*. Os traços mnêmicos constituem-se através do Princípio de prazer e os *fueros*, de maneira diferente, seriam as impressões que não foram inscritas no psiquismo e assim não se submetem ao Princípio de prazer, se aproximando da ideia de compulsão à repetição.

Ainda no final do século XIX haviam duas ideias regentes contidas no *Projeto* (1895/1992): uma delas é que os neurônios constituiriam de maneira simultânea a base de sustentação e a unidade material do sistema nervoso. A outra, concebe que circula energia, a qual também pode ser armazenada nos neurônios organizados por sistemas (GOLDFARB, 2004). Freud ainda propôs uma cientifização de sua teoria dispondo tais neurônios em três diferentes sistemas que compunham a divisão do aparelho psíquico [*phi* - Φ , *psi* - Ψ e *ômega* - ω] cuja distinção principal seria a capacidade destes sistemas em reter ou não o estímulo. Expliquemos melhor.

Esta disposição mencionada acima capacita os neurônios do sistema *psi* Ψ a ser a sede da memória, já que são estes neurônios os únicos capazes de guardar informações. Isto se dá de maneira que a quantidade de informação ou, como nas palavras do próprio autor, “a representação de todas as influências que Ψ experimentou a partir do mundo externo” (FREUD, 1897/1992, p. 343-346), passam por uma barreira de contato e quando a energia é superior à barreira deixa-se um traço mnêmico, ou seja, um traço de memória.

A memória descrita no *Projeto* equivale à diferença quantitativa entre as facilitações dos neurônios ψ em escolher caminhos para descarregar a quantidade de energia para que determinada ação seja satisfeita. Para tal, não é uma simples reprodução diante de um aumento de excitação, já que na trama escolhe-se um caminho em detrimento do outro, e assim pensamos na memória como seletiva.

Ao remetermos à Carta 52, fica mais clara a explicação da capacidade de rearranjo e seletividade no que concerne à memória. Uma das maiores dificuldades enfrentadas por Freud foi ao elaborar o modelo do aparelho psíquico conciliando memória e percepção, dificuldade esta que volta quando se trata da consciência (os neurônios ω). Tal problemática evidencia que os mesmos neurônios não podem servir a duas funções e a solução buscada foi justamente em distinguir os neurônios permeáveis ϕ dos impermeáveis ψ . Dito de outra maneira, discriminar os neurônios que conduzem, mas não armazenam, daqueles que armazenam certa quantidade. É neste percurso que as barreiras de contato fazem seu papel fundamental entre o que é permeável e o que é impermeável.

Para Antonello & Herzog (2012), são os traços mnêmicos que capacitam a rede neuronal a escoar energia pelos caminhos mais facilitados, ou seja, os traços são os que indicam tais caminhos e estes são notoriamente os mais repetidos. Visto que há sempre energia correndo externa e internamente no aparelho psíquico, temos sempre novos caminhos sendo traçados.

Pois bem, entende-se o enorme esforço de Freud para fazer emergir a série de representações, ideias e fantasmas adormecidos no paciente e que se depararia com uma resistência que deveria ser superada ou desmontada no processo analítico. É através deste que precisa vencer uma *força psíquica*¹⁴ que se opunha à tomada de consciência, ou mesmo o recordar-se das representações patogênicas, conforme o próprio autor aponta no texto *Estudos sobre a histeria* escrito com Joseph Breuer. (FREUD, 1893-95/1992)

Retomemos novamente a cena descrita em *Lembranças encobridoras* (FREUD, 1899/1992) para podermos seguir adiante sobre a questão do recalque. No

14. O que Freud chama de *força psíquica* neste texto deve ser lido como resistência ou recalque.

episódio descrito, há dois meninos e uma menina que brincam de colher flores amarelas, e quando eles tomam as mesmas da mão da menina esta corre chorando em direção a duas mulheres na porta da casa. Para consolar a garota, as mulheres oferecem um pedaço de pão que parece delicioso e faz com que os meninos deixem as flores no chão e corram para conseguir saborear o mesmo pão.

Assim como no método de interpretação dos sonhos, a lembrança é tratada analiticamente nas suas partes e não como um todo (CASANAVE, 2008). Com isso, o procedimento de interpretação baseia-se, primeiramente, nas imagens mnêmicas infantis que se associam, condensam e figuram simbolicamente temas cruciais na vida do narrador: casamento e vida confortável. Para esse fim, relembramos que esta memória surge quando Freud passa por dificuldades financeiras e pensa que se tivesse casado com determinada jovem, poderia ter tido uma vida econômica estável e tranquila. Já que no evento se interpreta o desejo de deflorar a menina, assim como o ‘pão delicioso’ é entendido como o desejável conforto material que poderia ter tido ao desposar uma moça de condição financeira privilegiada.

A lembrança mencionada não foi tomada como uma invenção ou falsificação, contudo, foi investigada de forma detalhada, o que nos mostra, antes de mais nada, que mesmo os falseamentos tendem a uma finalidade. Quer dizer, eles servem “aos objetivos de recalque e deslocamento de impressões objetáveis ou desagradáveis” (FREUD, 1899/1992, p. 286). Freud segue sua análise dizendo que essas lembranças adulteradas provavelmente suscitaram “num período da vida em que se tornou possível conferir um lugar na vida mental a esse tipo de conflitos e aos impulsos ao recalque” (Idem).

Vale ainda ressaltar, como nos alerta Freud, que há duas coisas que precisam ser consideradas, tanto as lembranças derivadas de nossa infância como as lembranças encobridoras. O que chama atenção de Freud, entretanto, não é o questionamento sobre a veracidade da memória, ou sobre o quão fidedigna é a descrição da mesma, mas sim como as lembranças apareceram em épocas posteriores quando foram despertadas. Segundo ele, nesse tempo do despertar, a

lembrança não *emergiu* como se pensa corriqueiramente, mas foi *formada*¹⁵ nesse período, como podemos averiguar a partir do acontecimento descrito.

Segundo Casanave (2008), não temos acesso direto ao experimentado na primeira infância, uma vez que a repetição é a única via que pode nos levar às representações daquele período devido ao processo de recalque depois da saída do complexo de Édipo. Por conseguinte, os traços mnêmicos das experiências nos proporcionam material para a elaboração de sonhos, fantasias e neuroses que são formações para dar conta do material insuportável para a instância egoica pelo viés do recalque.

No caso exposto por Freud, vemos como a fantasia recalçada desliza para uma cena infantil cujos elementos foram condensados e configurados de maneira simbólica. Para tanto, a lembrança que chamamos de encobridora possui seu valor psíquico por se referir a um conteúdo recalçado, o que reflete a sua tendência em conservar o conteúdo que é verdadeiramente relevante, mas é encoberto com o intuito de proteger o *Eu* do desprazer. Dizendo de outra forma, se os falseamentos das recordações têm o propósito de defesa contra representações objetáveis, esses devem ter emanado depois da primeira infância quando o conflito e o recalque são possíveis (Idem).

Temos, então, que o recalçado se serve de elementos de lembranças anteriores para poder se manifestar a partir da constatação da relação conflituosa de forças. Daí que Freud conclui que todas aquelas representações, sejam elas esquecidas ou mantidas fora da consciência, tinham um ponto em comum, que era o de provocar dor ao revelar sensações de vergonha, remorso, perda, luto ou sofrimento moral de algum modo. O autor, já na Carta 52 à Fliess de 1896, aponta que o recalçamento é sempre devido à produção de desprazer, visto que este provoca um distúrbio do pensamento cuja saída é a defesa, seja ela normal ou patológica.

Dentro de uma mesma fase psíquica e entre os registros da mesma espécie, forma-se uma defesa *normal* devido à produção do desprazer. Já a defesa *patológica* somente ocorre contra um traço de memória de uma fase

15. Os verbos *emergir* e *formar* aqui conjugados e em itálico correspondem aos grifos do próprio autor demarcando a distinção entre o 'aparecimento' e a 'construção' de uma lembrança respectivamente.

anterior, que ainda não foi traduzido. (FREUD, 1896/1992, p. 276 – grifos do autor)

Para tanto, Freud admite que a formação de defesa, pode ser normal, porventura de um desprazer, ou mesmo patológica, que acontece apenas em contraposição a um traço de memória ainda não traduzido. O que, de acordo com a ideia freudiana, determina uma defesa patológica, ou em outras palavras, o recalçamento, “é a *natureza sexual do evento e a sua ocorrência numa fase anterior*” (Idem - grifos do autor). Para ele, nem todas as experiências sexuais são desprazerosas, ao contrário, a maioria delas produzem prazer, porém está ligada a um prazer não passível de inibição. Quando assim o é, temos o recalçamento, e o seu oposto, a constituição de uma compulsão, ou melhor dizendo, de uma repetição. Tema que será apresentado no capítulo seguinte de nossa dissertação.

Desde a Carta 52 Freud demarca a capacidade de rearranjo e de seletividade do sistema nervoso em distinguir impressões diferentes, sejam traços ou marcas, responsáveis pela memória. Tal distinção nos ajuda a diferenciar a repetição como o retorno do recalçado dentro da esfera representativa e a compulsão à repetição que se encontra além do processo de recalque. Sendo assim, Freud, através desta significativa correspondência, nos mostra os passos seguidos na sua concepção sobre a memória a partir dos conceitos de lembranças encobridoras, fantasias e recalque, e que nos serviram de aparato para discutirmos sobre a primeira nuance da noção de tempo. Diga-se, de um tempo fora do tempo, ou seja, que não há sequência ou precisão histórica assim como não há relação cronológica, mas cujo efeito é a partir do movimento retroativo ou retardado.

Todavia, Freud também ressalta que os conteúdos dos quais não são lembrados, eles retornam em forma de repetição (FREUD, 1914/1992). Fundamentalmente, ela é referida ao caráter mais geral das pulsões, que é sua característica conservadora, ao ainda, o caráter eterno da repetição. Para tanto, temos outro viés da ideia de tempo na elaboração teórica freudiana e que discutiremos no próximo capítulo.

CAPÍTULO 2

2. TEMPO E REPETIÇÃO

É possível considerar que temos uma representação do tempo na qual se conta de maneira sucessiva entre passado, presente e futuro, porém, como já podemos observar com Freud, da ordem do que nos é consciente. Para ele a temporalidade não se refere exclusivamente à percepção consciente do tempo, já que no sistema inconsciente não há uma ordenação cronológica. É justamente sobre este sistema que a psicanálise construiu sua particularidade teórica.

O viés que sustenta nossa pesquisa consiste, doravante, da abordagem do tempo a partir do conceito de repetição. Esta ligação pode ser percebida no texto de 1914 *Recordar, repetir e elaborar* quando o autor nos aponta em primeira mão para a relação que a repetição faz a contar da não memorização de alguns conteúdos, mas que vêm à tona na repetição inconsciente. Lemos nas próprias palavras de Freud: “E durante o tempo em que permaneça em tratamento não se libertará desta compulsão à repetição, entende-se, finalmente, que esta seja sua maneira de recordar” (FREUD, 1914/1992, p. 152).

Esta citação alinhava o que investigamos sobre a relação entre tempo e memória e nos faz desembocar na relação entre tempo e repetição. Segundo Freud, é ao longo do processo de análise de seus pacientes que ele percebe que uma forma de recordar consiste no que ele chamou de compulsão à repetição. A compulsão à repetição, do ponto de vista teórico, provém do campo pulsional e se refere ao caráter mais geral das pulsões, isto é, à sua característica conservadora. Em linhas gerais, temos a compulsão à repetição como uma tendência inerente ao inconsciente que arrasta o sujeito a repetir atos idênticos, sobretudo os mais penosos e mais destruidores. Contudo, foi a partir de 1920 em *Além do princípio do prazer*, mais precisamente nos capítulos III e IV onde Freud nos apresentou tal noção.

Ainda, o autor apresenta algumas considerações clássicas relativas à lógica do tratamento que se regulam ainda pela referência a um tempo linear. Todavia, é

no sistema inconsciente que o autor indica a atemporalidade dos processos inconscientes, deslocamentos e condensações dão forma ao eterno presente da repetição, esta que é justamente o encontro desses tempos.

Desse modo, podemos ver que a noção de repetição está ligada à ideia de tempo na psicanálise freudiana, e antes mesmo de entrarmos na discussão dos próximos textos freudianos propriamente ditos, iniciaremos com a ilustração do mito de Sísifo¹⁶ como descrito por Alberto Camus. Neste mito, Sísifo tinha desafiado os deuses e, como punição, teria que empurrar ininterruptamente uma rocha até o topo de uma montanha que ao chegar ao alto rolaria montanha abaixo devido ao seu próprio peso.

Esta alegoria introduz a noção de um tempo que se repete e nos abre o questionamento sobre a ideia de compulsão à repetição que fora desenvolvida por Freud. O termo *compulsão* foi empregado por Freud em diversos momentos de sua obra, desde 1894, até ganhar o sentido indicado em 1914, em *Recordar, repetir e elaborar*, ligado a um processo inconsciente de reprodução de sequências com caráter penoso, geradoras de sofrimento, assim como na referência que fizemos ao mito de Sísifo.

Deste modo, reiteramos, uma segunda possibilidade de abordar a noção de tempo em Freud orienta-se a partir da relação entre tempo e repetição. Para tanto, precisamos abordar as ideias freudianas de atemporalidade inconsciente, trauma e reencontro, *a posteriori*¹⁷, pulsões, além de um tempo que passa e um tempo que não passa.

2.1 Atemporalidade inconsciente

Freud concebe que o inconsciente é atemporal. Suas menções ocorrem desde 1897 em *Rascunho M*. Reaparece em 1900 na *Interpretação dos sonhos* e, por fim, da maneira mais explícita, em 1901 em *Psicopatologia da vida cotidiana*.

-
1. Este se encontra no livro de título original *Le Myth de Sisyphe* como um ensaio filosófico de Alberto Camus e está descrito em detalhes no quarto capítulo desta obra que fora lançada na França em 1942 e chegou ao Brasil em 1979.
 2. Termo que no alemão é *nachträglich*.

Outra rápida alusão foi feita em nota de rodapé em *Introdução ao narcisismo* de 1914. Ela ainda volta a ser citada em 1920 em *Além do princípio do prazer* e na *Conferência XXXI das Novas leituras introdutórias* de 1933. Também ocorreu um debate sobre o assunto numa reunião da Sociedade Psicanalítica de Viena em 08 de novembro de 1911.

A atemporalidade do inconsciente defendida por Freud ganha novo sentido quando comparada à noção de tempo relacionada à consciência. Sendo assim, a atemporalidade mostra-se como uma definição negativa do tempo, caracterizada por atributos que lhe faltam, associando-se à ideia que se combina com a própria definição dos conteúdos recalcados, que se conhece pelo seu retorno, pela repetição.

Os textos freudianos indicam que as correlações cronológicas dependem justamente da atividade do sistema consciente, enquanto que uma das funções do sistema pré-consciente é a de dar aos eventos uma ordem temporal (FREUD, 1897/1992).

Na parte I do livro *Interpretação dos sonhos*, Freud cita Haffner, através de uma nota de rodapé, lembrando que de acordo com este “o primeiro marco de um sonho é sua independência do espaço e do tempo” (FREUD, 1900/1992, p.75). Nesta, Freud faz referência à Haffner para dar suporte ao seu pensamento sobre a não ordenação temporal do sistema inconsciente o que foi formalmente explicitado em *O Inconsciente* de 1915. Nas palavras do autor temos:

Os processos do sistema Ics. são atemporais; ou seja, não estão ordenados temporalmente, não se alteram com a passagem do tempo, não têm absolutamente qualquer referência ao tempo. A referência ao tempo vincula-se, mais uma vez, ao trabalho do sistema Cs¹⁸. (FREUD, 1915/1992, p. 184)

Freud postulou assim a atemporalidade por meio de três enunciados que não são necessariamente idênticos. Primeiro, ele nos diz que os processos inconscientes não se ordenam linearmente, ou seja, o que é passado, presente ou futuro é oriundo do sistema consciente e não do inconsciente e a origem psíquica da ideia de tempo está referida ao sistema Pré-consciente – Consciente. Ponto este

3. Ics. e Cs. correspondem respectivamente a inconsciente e consciente. Abreviações do próprio autor do texto.

que já fizemos menção no capítulo anterior ao abordarmos o texto do bloco mágico de 1925.

Segundo Gondar (1995) este é o ponto chave em que Freud deixa indícios para se formular uma ideia a respeito da passagem do tempo, e ela nos sugere que o inconsciente em psicanálise é capaz de operar uma síntese entre momentos descontínuos, experiências variadas que não estão ordenadas numa linearidade ou inseridas em uma dimensão histórica. Com isso, o resultado foi admitir um tempo subjetivo.

Ao pensarmos no segundo dos enunciados, onde os processos inconscientes não são modificados com a passagem do tempo, parece que este é o mais plausível, já que é possível pensar em processos que não se desgastam. Já o primeiro nos parece um tanto problemático em virtude de que se não houvesse uma ordenação temporal qualquer com relação aos processos, o inconsciente seria caótico. Em resposta Freud aponta que o inconsciente possui suas próprias leis de funcionamento, e estas não seguem uma modalidade linear (FREUD, 1915/1992). Por fim, no terceiro dos enunciados Freud afirma que os processos inconscientes não têm nenhuma referência ao tempo, e, assim, nada permite fazer a diferença entre elementos sucessivos, como o antes e o depois ou passado, presente e futuro.

Entretanto, é preciso que algo da temporalidade esteja em jogo, e se assim não fosse, não se poderia falar em processos inconscientes. Então “os três enunciados só ganham seu pleno sentido por oposição à modalidade temporal” (GONDAR, 19995, p.31), modalidade esta que se põe em funcionamento pela consciência, construindo a versão positiva da teoria freudiana. Isso também esclarece o porquê de Freud utilizar a palavra atemporal¹⁹, isto é, que para se falar dele, do tempo, é preciso de sua negativa.

Enfim, não é possível apreender o sistema inconsciente pelas dimensões de passado e presente, pois assim só seria se fosse pelo negativo da consciência – atemporal. Então, quando nos referimos ao inconsciente, o que se põe em questão é o processo de atualização que deriva de uma gama de possibilidades, já que as atualizações dos processos inconscientes são súbitas e descontínuas.

4. No original em alemão o autor utiliza a palavra “zeitlos”.

Vemos ainda em *O mal-estar na cultura* (1930 [1929]), que Freud mais uma vez se ocupou em nos mostrar a particularidade “temporal” do inconsciente, quando fez, por assim dizer, um voo da imaginação, como ele mesmo se refere. Neste texto Freud tomou Roma, a “Cidade eterna”²⁰, como exemplo para nos explicar como o inconsciente experimenta (ou vivencia) o tempo. Concebeu uma cidade onde todos os seus monumentos, construídos em diversos momentos de sua história, estivessem sempre presentes, no mesmo instante, mesmo que fosse necessário que ocupassem o mesmo lugar no espaço.

É evidente que não faz sentido continuar inventando nossa fantasia; isso nos leva ao irrepresentável, e até mesmo absurdo. Se quisermos descobrir a sucessão histórica em termos espaciais, só o conseguiremos fazê-lo por uma contiguidade no espaço; o mesmo espaço não pode ser preenchido duas vezes. Nossa tentativa parece ser um jogo ocioso; sua única justificativa é que ele mostra quão longe estamos de dominar as peculiaridades da vida mental através de sua representação pictórica. (FREUD, 1930[1929]/1992, p. 71)

Assim, Freud se esforçou em delimitar os impasses produzidos pelo ato de pensar a temporalidade do inconsciente a partir da perspectiva do tempo espacializado, isto é, numa contiguidade espacial, para que possamos nos atinar para a sucessão histórica. Ademais, vale lembrar que para ele “o inconsciente é a verdadeira realidade psíquica”²¹ (FREUD, 1900/1992, p. 607). Com isto ele sublinha mais uma vez que o psíquico, ou a subjetividade, não coincide com a consciência. Esta última seria apenas uma pequena parte do psiquismo. Maurice Dayan (1990) faz uma análise sobre a questão da atemporalidade do inconsciente e, em seu artigo *Negação da morte e da passagem do tempo*²², argumenta que o inconsciente não é absolutamente atemporal, mas apenas relativamente. De acordo com Dayan, o inconsciente é atemporal em relação ao tempo progressivo da consciência, tempo que se encontra excluído da temporalidade do sistema Pcpt-Cs.

Ao dizer que o inconsciente é atemporal, então, estamos tratando de uma atemporalidade referida à dimensão de um certo tempo da consciência e na medida em que este é tomado como representante exclusivo do que seja um regime temporal. Deste modo, o inconsciente se qualifica enquanto atemporal quando sua referência é somente fora deste tempo.

-
5. Esta nomeação se encontra no texto freudiano e se embasou, de acordo com uma nota de rodapé na página 70, em Hugh Last, “The Founding of Rome”, Cambridge Ancient History, 1928.
 6. Este se encontra no texto *A Interpretação dos sonhos*, no volume IV das Obras completas.
 7. Tradução nossa do artigo cujo título original é *Déni de la mort et la passage du temps*.

Em síntese, pensamos a repetição de certa forma como sendo sempre nova, uma vez que esta acontece “em um novo lugar, ou mais exatamente, ela produz um novo lugar, criado pelo encontro de duas temporalidades heterogêneas e pela atualização dos efeitos desse encontro” (Idem). Como ainda podemos dizer a *posteriori* ou no termo original freudiano, *nachträglich*.

A significativa noção de *a posteriori* para a concepção freudiana de temporalidade marca uma relação complexa e recíproca entre um acontecimento significativo e sua ressignificação ulterior, conferindo-lhe uma nova eficácia psíquica. Frente a isso, passaremos a trabalhar com este conceito.

2.2 A posteriori

Ao se falar em temporalidade em psicanálise, é preciso dar lugar de destaque à noção de *a posteriori* evocada por Freud (1894) através do termo alemão *nachträglich*. Embora o termo tenha sido herdado da teoria traumática das neuroses, portanto de Charcot, o termo *nachträglich* aparece pela primeira vez no relato do caso Emma que se encontra na última parte do *Projeto*, mais precisamente no capítulo intitulado *A próton pseudos [primeira mentira] histórica* (FREUD, 1895/1992). Porém, ele emprega o termo durante boa parte de sua obra, desde a época de suas correspondências com Fliess, passando pela *Interpretação dos sonhos* (1900), “o pequeno Hans” (1909), o “Homem dos lobos” ([1918]1914), entre outros, para citar alguns.

O adjetivo *nachträglich*²³ foi empregado com alguma frequência na obra de Freud e cuja ideia considera a particularidade de tempo para a psicanálise. Notamos que Freud recusou submeter sua metapsicologia a um monismo, pelo contrário, enfatizou a tensão entre dois domínios irreduzíveis um ao outro, o inconsciente e a pulsão, o campo das representações e o campo das intensidades.

No *Projeto* Freud propôs a variação *nachträglichkeit*, uma palavra que traz consigo a ideia de um movimento, na verdade de uma ação retrospectiva. Todavia, é

8. De acordo com o *Dicionário Comentado do Alemão de Freud* escrito por Luiz Hanns o termo é melhor traduzido por “a posteriori” ou “posteriormente”.

apenas na Carta 52 que o termo ganhou projeção e consistência em relação à temporalidade, designando um processo de reorganização no qual inscrições mnêmicas adquirem significação traumática para o sujeito num momento posterior (ROUDINESCO & PLON, 1998). Trata-se de impressões, traços de memória, experiências vividas, que são remodelados em função de novas experiências e também de acordo com os estágios do desenvolvimento do indivíduo.

Por sua vez, retirarmos o inconsciente freudiano da problemática do encadeamento passado-presente-futuro, trazendo-o para a lógica do virtual-real, pode nos favorecer no sentido de termos uma compreensão mais fecunda dos processos inconscientes e da temporalidade que está em jogo. Nesse aspecto, considerando o tempo da realização, podemos postular para o inconsciente, no momento que se atualiza, uma irreversibilidade constituída por instantes descontínuos, contudo não é da mesma maneira que o consciente e o inconsciente são descontínuos.

A descontinuidade do sistema *Pcpt-Cs* é o que permite demarcar instantes sucessivos, ou seja, é a partir da consciência que se constrói um conceito de linearidade, uma sequência de pontos que se sucedem de forma regular e previsível. De outra forma, dizemos que o tempo da consciência é esse constructo abstrato de único padrão exterior ao sujeito que podem ser ordenados, de um mesmo modo, todos os eventos.

Em contrapartida, os processos inconscientes não se apreendem em instantes que se organizam numa sucessão ou sequência lógica. É nessa temática que se encontra a noção de *nachträglich* que aqui estamos discutindo. Nela reside a descontinuidade do inconsciente e que marca seu funcionamento peculiar, cuja articulação existe fora de uma sucessão entre um antes e depois. Após uma articulação lógica entre um antes e um depois, não é possível retornar à configuração inicial até que ocorra uma nova articulação que possibilite a produção de uma novidade de acordo com a psicanálise freudiana.

Freud emprega a palavra *nachträglich* de diferentes maneiras. Numa delas vê-se empregar na direção do futuro para o passado, referindo-se a coisas que foram percebidas num primeiro tempo, mas só compreendidas depois,

retroativamente. Outra maneira, na qual o termo é empregado, assume-se a direção inversa, do passado para o futuro, cujo significado é de ‘ulterior’, ou ‘secundário’, assumindo, portanto, a significação temporal de “mais tarde”. Este uso, do passado para o futuro, podemos observar, principalmente, quando o autor trata da teoria da sedução, e mesmo quando houve o abandono desta em 1897, a noção de *a posteriori* continua a ser empregado por Freud, como por exemplo nos casos do “pequeno Hans” de 1909 e do “homem dos lobos” de 1918[1914].

Gondar (1995) considera que a falta de definição e precisão do termo *nachträglich* fez com que diferentes escolas psicanalíticas utilizassem o vocábulo freudiano de maneira heterogênea, isto é, como melhor lhes servisse. As versões francesa e inglesa do termo, e, claro, a brasileira, principalmente em decorrência desta última²⁴, não lhe atribuíram o mesmo sentido, cada uma escolhendo um equivalente que melhor aproovesse e fosse capaz de harmonizar com a concepção de temporalidade psíquica defendida por sua escola.

Sobre isto, gostaríamos apenas de considerar que a psicanálise freudiana é uma disciplina que põe em questão o problema da verdade, pois este não se coloca da mesma forma do discurso científico e do filosófico (MONZANI, 2014). Isso justifica as diferentes leituras dos textos freudianos a partir de escolas distintas, como a francesa e inglesa? Quem sabe.

A escola francesa compreende o termo alemão como *après-coup*, próximo ao nosso *a posteriori*, de modo que ambos sugerem que o sentido de passado é dado retrospectivamente, a partir do presente. Por outro lado, a escola inglesa traduz a forma substantiva *nachträglichkeit* como *deferred action*, ou seja, ação retardada. Expressão que nos indica uma determinação linear do passado sobre o presente, no sentido de que o presente já se deu no passado. Isso nos indica que ambas partem da mesma hipótese freudiana na Carta 52, a qual já fizemos referência no capítulo primeiro e retornamos aqui:

(...) os materiais presentes sob forma de vestígios mnemônicos se encontram de tempos em tempos remanejados de acordo com as novas circunstâncias. O que há de essencialmente novo na minha teoria é a ideia

9. Isso se deve ao fato de que no Brasil, as Obras Completas de Freud eram, até pouquíssimo tempo, exclusividade da Imago, que fez a tradução das obras do inglês, ao invés de utilizar o original alemão.

de que a memória está presente, não uma só vez, mas várias vezes, e que ela se compõe de diversas espécies de signos. (FREUD, 1896/1992, p. 274)

Freud, nesta passagem, nos indica que não há a hipótese de temporalidade sucessiva de um passado que determina o presente, pelo contrário, toda ideia de temporalidade linear é desprezada. O que há, de fato, é a criação e recriação constante segundo novas articulações. Sendo assim, é importante ressaltar que uma cena traumática não encontra sentido em si mesma, esta só se torna traumática na medida em que é transformada em representação e é evocada por uma segunda cena, diga-se de passagem, sexualmente representável passando assim a receber um sentido.

De fato, o efeito *a posteriori* nos coloca diante de um paradoxo do tempo, cujo acontecimento ulterior é que vai desencadear a produção sintomática embora não seja verdadeiramente eficaz, já que a cena que corresponderia a uma eficácia autêntica não produz nenhum efeito primeiramente. Isso quer dizer que a eficácia traumática não é produto de um acontecimento do passado distante ou mesmo de um evento presente, mas de uma relação enlaçada de seus representantes, o que, do ponto de vista cronológico não faria sentido algum para manter tal relação. Deveras, não existe ordem cronológica entre as ideias, mas uma articulação lógica, que mantém a relação de causa e efeito, mesmo sendo que a causa se presentifique no “só depois”.

Quando avançamos um pouco mais na obra freudiana, nos deparamos com a retomada da temática do *nachträglich* com o caso clínico do Homem dos lobos (FREUD, 1918/1992), no qual Freud já dispunha de boa parte de seu arcabouço teórico. Neste caso, o conceito *nachträglich* reaparece diversas vezes e constitui o eixo interpretativo do sonho dos lobos em sua relação com a cena primária. Em suma, na concepção freudiana a modalidade temporal é retrospectiva, onde o sentido do passado é dado a partir do presente. Ou ainda, segundo Loewenberg (2015), a causalidade linear de tempo fora rejeitado na teoria freudiana pelo uso do termo *nachträglichkeit*. Isto nos diz sobre uma reação “tardia” de um trauma quando num momento posterior foi reiniciada ou despertada por novas experiências. O evento posterior é agitado a partir da memória inconsciente anterior e os afetos associados dando vida e significados novos.

Ressaltamos que o adjetivo *nachträglich* permite de fato uma dupla leitura. Por um lado, pensamos que o adjetivo nos indica que o sujeito continua a carregar até a atualidade o evento, e que só *posteriormente* o efeito se manifesta, ou seja, um efeito então retardado. Por outro lado, também significa que o sujeito volta ao passado ao encontro do evento, ou ainda que o sujeito traz do passado o evento para o presente. Por conseguinte, como visto, trauma e reencontro são nuances das quais desenrolam a temática de (a)temporalidade na psicanálise freudiana.

2.3 Trauma e reencontro

1914 foi o ano no qual o primeiro tratamento do caso do Homem dos lobos²⁵ chegou ao fim e logo em seguida foi redigido, assim como, naquele mesmo ano, foi publicado *Recordar, repetir e elaborar* que nos introduz na questão da temporalidade em Freud. Ele menciona:

Há um tipo especial de experiências da máxima importância, para a qual lembrança alguma, via de regra, pode ser recuperada. Trata-se de experiências que ocorreram em infância muito remota e não foram compreendidas na ocasião, mas que subsequentemente foram compreendidas e interpretadas. Obtém-se conhecimento delas através dos sonhos e é-se obrigado a acreditar neles com bases nas provas mais convincentes fornecidas pela estrutura da neurose. Ademais, podemos certificar-nos de que o paciente, após suas resistências haverem sido superadas, não mais invoca ausência de qualquer lembrança delas (qualquer sensação de familiaridade com elas) como fundamento para recusar-se a aceitá-las. (FREUD, 1914/1992, p. 151)

A compreensão ou interpretação que foi realizada *subsequentemente* diz respeito ao próprio conceito do qual já vínhamos tratando – *nachträglich*. Pois bem, isso nos indica uma dimensão da temporalidade diferente do que vínhamos nos ocupando, ou seja, a linearidade dos tempos passado e presente perdida devido a um efeito da memória. Cabe ressaltar que se trata de um tempo de ressignificação e, como apontado pelo autor, pode-se saber dela através dos sonhos. Ademais, ainda, não se trata de qualquer tipo de vivência, mas uma classe de vivências importantes e que não foram entendidas senão *a posteriori*, subsequentemente. Essas experiências são, portanto, na teoria freudiana, da ordem de um trauma.

10. Nos comentários de James Strachey, este fora o caso mais importante e elaborado de todos os casos da clínica freudiana e cuja menção está em vários dos textos de Freud.

Assim, o inconsciente foi tomado por Freud como uma memória, um passado que insiste em se repetir da mesma forma e independentemente da sucessão temporal, lembrando que o inconsciente freudiano é movido pela compulsão à repetição, pressionado pela eterna e incessante busca da satisfação da pulsão. O inconsciente-repetição é, portanto, um marcador da chamada atemporalidade que Freud nos apontou, e como já dissemos, salientando novamente por sua merecida importância, o inconsciente não realiza uma ordenação cronológica.

Nesse sentido, temporalidade em Freud não se relaciona exclusivamente com a percepção consciente do tempo, até porque a ‘atemporalidade’ no sistema inconsciente decorre de processos de deslocamento, condensação e regressão, assim como o eterno presente da repetição. Esta que toma lugar daquelas memórias que não conseguem vir à tona, e entendemos, é a forma como o paciente consegue “recordar”.

No entanto, o recalcado não fica inerte e silencioso, ele tem uma função ativa e está sempre pronto a aparecer nos lapsos, nos sonhos ou na compulsão à repetição. O inconsciente insiste em se manifestar a todo o momento possível e da forma que consegue, já que o mesmo não tem a possibilidade ou a “vantagem” de expulsar algo indesejável para fora como o faz o sistema consciente. No inconsciente o tempo não passa, não cessa, e esta é:

(...) uma das vias abertas por esse questionamento sobre a temporalidade, que consiste em tentar renovar o pensamento do trauma, não considerando mais somente a sua constituição *a posteriori* (*nachträglich*), mas também a sua capacidade de dar corpo a um devir anônimo. (POULICHET, 1996, p. 40)

O tempo do trauma é propriamente o tempo que não passa. Para tanto, Freud percebe que os conteúdos sexuais infantis expulsos da memória, não estão submetidos à questão da função neurológica, mas sim de certas situações originadas na vida cultural, como pudor, nojo, além das normas e valores sociais como exposto em seu texto de 1905 *Três ensaios para uma teoria sexual*. Nesse ponto ressaltamos que a pulsão é submetida à cultura e esta também lhe permite uma historização. Então, a cultura tem seu legado num sistema temporal que é a responsável pelas procrastinações e adiamentos, até que um dia possam vir a ser socialmente aceitas, ou não.

Há, portanto, um tempo que passa dirigindo-se para o futuro e o que é continuamente duplicado por um segundo tempo, o qual se dirige para o passado. É essa duplicação temporal, como aqui estamos chamando, uma rumo ao futuro e a outra ao passado, que nos dá a ilusão de eternidade. Pensamos, assim, como uma ilustração cíclica que avança e retorna ao mesmo tempo.

Para dar subsídio ao que estamos investigando e podermos avançar um pouco mais, Sylvie Le Poulichet em *O tempo na psicanálise* de 1996 faz algumas considerações acerca da própria experiência analítica que poderia ser o encontro desses tempos pulsionais, passado e presente, que pela ação da transferência permite “reatualizar” e “liquidar” alguns conflitos.

Mais ainda, a passagem do tempo não pode estar apenas baseada em nossa percepção consciente, afinal, podemos considerar que temos uma representação do tempo que, por um lado está aparentemente imóvel, mas são revezamentos que se ordenam em pretérito, presente e futuro. Dito ainda de outra forma, que os processos inconscientes brotam a todo tempo e de várias formas como possível²⁶ já que não passam para ninguém. Por essa lógica de pensamento é que o trabalho de análise proposto por Freud se trata de um conteúdo atemporal, e nisto não se referencia a algo passado, mas algo do qual não se passou.

Logo, para se falar em inconsciente sob o ponto de vista temporal é preciso pensar num tempo da efetuação onde o sentido é que faz existir aquilo que o produz. Portanto, o inconsciente é uma virtualidade que toma corpo a cada vez que se atualiza. Não está lá antes que um sintoma ou um ato falho sejam produzidos, não é algo que possui uma realidade material presente no tempo, e, assim, não existe senão através de suas manifestações atuais. É dessa forma que as produções inconscientes serão encaradas em função de um *a posteriori*. O recalque, a título de exemplo, só se revela no retorno do recalcado, ele não poderia ser pensado como preexistente à produção do sintoma, assim como o trauma, que só se consolida após ser evocado por uma segunda representação. Essa é a lógica da posterioridade que rege o funcionamento do inconsciente.

11. Sobre estes já abraçamos anteriormente sobre as formas das quais o inconsciente se expõe, seja através dos lapsos, atos-falhos, sonhos ou mesmo repetições.

Segundo Poulichet:

Evoco nesse ponto os tempos que constituem os processos inconscientes, pois nenhuma localização, nenhuma sedimentação e nenhuma cronologia ordenam e fixam os movimentos e as transformações implicadas por deslocamentos, condensações, projeções, introjeções, retornos ao contrário ou à própria pessoa, identificações, regressões, por figuração ou formações de sequências da fantasia. Trata-se realmente de diferentes modos de tempos que transformam a língua e a relação com as imagens. (POULICHET, 1996, p. 30-31)

O que estamos abordando aqui é uma repartição entre a nossa representação consciente de um tempo que se põe seja como tempo pretérito, tempo atual ou tempo porvindouro, e os tempos que dizem respeito ao inconsciente. Nesse ínterim, presenciamos uma colisão de duas temporalidades, a temporalidade do sistema consciente e a temporalidade do inconsciente, que se por um lado podemos metaforizá-las como a combinação de água e óleo, ou seja, como duas substâncias das quais não se misturam, por sua vez é no encontro entre essas duas substâncias heterogêneas que a repetição pode ser materializada. Ainda, pensamos a repetição como sendo sempre nova, uma vez que esta acontece “em um novo lugar, ou mais exatamente, ela produz um novo lugar, criado pelo encontro de duas temporalidades heterogêneas e pela atualização dos efeitos desse encontro” (Idem), como ainda podemos dizer, *a posteriori*, ou no termo original, *nachträglich*.

Com efeito, quando existe a escolha entre uma concepção que procede do passado para o futuro e uma concepção retrospectiva procedendo do presente para o passado, Freud parece preferir a primeira, como ele relata na carta a Fliess de 3 de outubro de 1897. Nesta, Freud relata um episódio de sua autoanálise e comenta que um crítico ferrenho leria tal situação como retrospectivamente fantasiado, ao invés de progressivamente determinado.

Já vimos que o *nachträglich* referencia um vínculo temporal - tanto a ideia de ‘efeito retardado’ ou de ‘volta ao passado’- entre várias lembranças e representações, então, como poderia a pulsão, que não possui representação no psiquismo estar submetida à mesma lógica do tempo? Com isso, vamos percorrer o que do campo das pulsões poderemos apreender para encadear com nossa questão sobre o tempo em relação à repetição na psicanálise freudiana.

2.4 O campo das pulsões

O que aprendemos na teoria de Freud sobre as pulsões é que as mesmas se situam na fronteira entre o somático e o psíquico (FREUD, 1992), e com isso, se é ela que faz borda, é também ela que permite a articulação dos mesmos – mental e somático. Por hora basta-nos mencionar isso, já que nossa intenção é trabalhar o conceito de pulsão em Freud no que se refere à questão da temporalidade. Portanto, se é a pulsão a mediadora e a que permite a articulação entre o somático e o psíquico, é ela que tem a sua fonte no registro corporal e seu objeto no registro psíquico. Por conseguinte, a constituição do aparelho psíquico, do inconsciente e do desejo seria, na verdade, o momento de atividade das pulsões, momento este no qual a força pulsional é transformada em inscrição no campo das representações.

Ao problematizarmos a pulsão sob a ótica do tempo, encontramos em Freud algumas indicações de que o campo das pulsões não funciona segundo a lógica do *nachträglich*. Isto porque este termo supõe uma descontinuidade temporal, como já explanamos anteriormente, à medida que a pulsão exerce uma pressão constante, contínua no tempo.

Assim, o tempo da pulsão se mostra como um problema para a psicanálise, e este problema é mais comumente deixado de fora por se pensar atemporal do que propriamente pensado. Descartamos o tempo da pulsão ao afirmar que o mesmo está fora do tempo, ou seja, exterior à temporalização subjetiva, mas isso não soluciona o problema. Na verdade, poderia ser correto afirmar que uma determinada concepção sobre o tempo está implícita em muitas características que Freud atribui às pulsões. E mais, a modalidade temporal no campo das pulsões é marcada pela repetição, o que faz ligação com o tempo da memória, pois, de acordo com a teoria freudiana, o neurótico não se lembra de tudo que foi reprimido, e assim, se verá forçado a repetir o reprimido como vivência presente em vez de recordá-lo. Desse modo emerge a compulsão à repetição, como sendo esse eterno retorno do mesmo (FREUD, 1920/1992).

Se é eterno retorno, é, portanto, movimento temporal, mas de uma temporalidade diferente da encadeada pela linearidade de passado, presente e futuro. Absolutamente, o conceito de repetição envolve uma nova concepção sobre

o tempo na obra freudiana. Pois bem, o inconsciente conserva suas propriedades básicas de atemporalidade cronológica, mas ganha sua temporalidade própria que se expressa na repetição.

Com isso, perguntamo-nos como o trauma poderia ser pensado, já que o aparelho psíquico, assim como o desejo e o inconsciente, é formado a partir das atividades pulsionais. Vale a pena também lembrar que a definição de trauma psíquico implica, numa perspectiva freudiana, na ideia de um choque violento, de uma efração sobre o aparelho psíquico e também das consequências sobre o conjunto da organização psíquica (FREUD, 1990/1992).

Se por um lado estamos analisando o traumático, não podemos perder de vista que a ideia da repetição vem a partir da própria experiência primeira, diga-se sexual, que fora satisfatória, e sua tendência é a eterna repetição. Da mesma forma que só repetimos algo que já aconteceu e acabou, para não nos debatermos num “contínuo absoluto mortífero, um não-tempo” (GOLDFARB, 2004, p. 92). É, portanto, na relação do *fort-da*, na espera pelo alimento que não chega, no adiamento da satisfação, que surge a ideia de tempo no psiquismo, assim como a noção de espaço e de Eu.

O enigma da temporalidade para Freud, centrado no conceito de repetição, se esclarece pelo viés de que a temporalidade não é linear, já que o inconsciente desconhece a sucessão, ela tampouco é constituinte, pois o inconsciente deseja sempre o mesmo (MEZAN, 1991).

Então, temos que a repetição pode ser reconhecida através de duas vertentes. A primeira delas corresponde à repetição da experiência primeira de satisfação sexual, portanto a pulsão sexual, e, a segunda, é a pulsão por excelência, a da insistência, ou seja, a pulsão de morte. O que nela se repete é uma pressão sem direção e sem objeto, uma energia não diferenciada, mas que desafia o psiquismo no sentido de dominá-la e controlá-la com o intuito de assegurar um certo equilíbrio, da mesma maneira em que há uma descarga em direção ao inorgânico (PIMENTA, 2014).

Se assim pensamos, temos então uma insistência que é incansável e eterna, porém é algo que está a todo tempo “incomodando” o equilíbrio do sistema psíquico. Todavia, em *Além do princípio do prazer* Freud reconheceu que “*Uma pulsão seria, então, uma força inerente ao organismo vivo, de reprodução de um estado anterior*” (FREUD, 1920/1992, p. 36 – grifos do autor).

A tese freudiana então, que foi repetida noutros momentos do mesmo texto, e noutros escritos subsequentes, nos indica que foi algo do qual o autor não abriu mão, a saber, que a pulsão representa a tendência fundamental de todo ser vivo a retornar a um estado inorgânico. Dessa maneira, todo o ser vivo morre necessariamente por causas internas e ainda nos afirma a tese freudiana que “*A meta de toda a vida é a morte*” (Ibidem, p. 38 – grifos do autor). A libido então se depara com a pulsão de morte, que domina os indivíduos e tende a desintegrá-los levando-os a um estado sem vida, sendo que esta pulsão pode ser chamada, contudo, de pulsão destruidora ou pulsão de dominação. Uma parte desta pulsão é posta diretamente a serviço da função sexual, onde tem um papel importante a cumprir – o sadismo propriamente dito. Outra parte não segue este deslocamento para o exterior, já que permanece no organismo onde está ligada libidinalmente, e é nela que devemos reconhecer o masoquismo originário, erógeno.

Foi em *Além do princípio do prazer* que Freud postulou o conceito de pulsão de morte e que esta teria um tempo de repetição compulsiva, diferente da repetição que procura o prazer encontrado, como, por exemplo, na fantasia, na sublimação, na transferência ou na reminiscência.

Abre-se então, a possibilidade de pensar a compulsão à repetição e a pulsão de morte regidas por um tempo de presente absoluto, ou seja, uma negação de toda a temporalização. “Para a Psicanálise, a história são aqueles nós em que o passado se atualiza e a morte temporaliza o presente, já que é ela que determina o sentido da vida como temporalidade” (GOLDFARB, 2004, p. 94). Todavia, como nos alerta Monzani (2014), fazendo referência à Laplanche, que pulsão de morte e compulsão à repetição não são a mesma coisa. Tem-se que a compulsão à repetição é uma maneira de responder à pulsão de morte.

Nesse sentido, que nos traz na citação de Goldfarb (2004), a pulsão de morte é entendida como a pulsão que barra a função historicizante, e assim, é regressiva. O conceito de pulsão de morte nos introduz a elucidação da diferença entre história e repetição, já que o tempo pulsional é a-histórico, isto é, não que seja a negativa da história, mas está fora da ordem histórica e cronológica, está também alheio às ordenações da linguagem, de onde se deduz a atemporalidade do inconsciente. A repetição é uma das formas com a qual o inconsciente trabalha os seus conteúdos.

Assim, relação do homem com o tempo pensada a partir das contribuições da psicanálise freudiana é que vai nos alertar para a não linearidade, para o que resiste a qualquer cronologia, para os desvios e nuances de uma história construída a partir do desejo. A história torna-se o enredo do que foi vivenciado e pulsa para se tornar presente, que vai tirar o sujeito de sua “atualidade” e permite o investimento pelo viés do desejo inconsciente que é indestrutível, e, por isso, está fora do tempo.

2.5. De um tempo que não passa

Sylvie Le Poulichet (1996) assinala, em *O tempo que passa e o tempo que não passa*, o quanto a teoria freudiana se refere a um trabalho no tempo e do tempo. O inconsciente é o âmbito do tempo que não passa, dos processos que nenhuma cronologia determina, dos deslocamentos, condensações, projeções, introjeções, identificações, inversões, regressões. Afinal, por um lado temos o tempo da consciência, na qual o sujeito se encontra, um tempo sucessivo que se ordena em passado, presente e futuro, e, por outro, simultaneamente, os processos inconscientes não passam para ninguém, e nem podem se tornar passados.

Notamos esta hiância entre nossa representação de tempo consciente e os tempos que constituem os processos inconscientes. Como observa Le Poulichet ao tratar da colisão entre duas temporalidades que gera as condições da repetição:

A repetição é sempre nova, pois ela se produz em um novo lugar, ou mais exatamente, ela produz um novo lugar, criado pelo encontro de duas temporalidades heterogêneas e pela atualização dos efeitos desse encontro. Cada um desses encontros gera uma singularidade, pois não só cada “agora” é determinado pelo seu confronto com o precedente e com o seguinte, mas estilos mais diferentes de derives impessoais, ou suas

diversas combinações, podem se encontrar investidos de maneira privilegiada nesse momento. (LE POULICHET, 1996, p. 31)

Nesse sentido, o tempo que passa e o tempo que não passa se conjugam no momento da transferência, quando temos como referencial o processo de análise. Esses tempos então não se misturam, já que o sistema Pcpt-Cs se protege contra a pressão do inconsciente, e este último encontra obstáculos para penetrar na consciência, e, quando o faz, já que há poros pelos quais isso é possível, precisa estar de alguma forma mascarado. Este encontro heterogêneo gera finalmente o “lugar da repetição ou o lugar dos acontecimentos psíquicos, onde se atualiza no conflito a presença do desejo, como formação do sintoma” (LE POULICHET, 1996, p. 36).

Assim, o tempo do inconsciente para Freud ignora a distinção entre passado, presente e futuro, já que é o tempo das metamorfoses. Não há, portanto, uma “flecha do tempo”, como se pudesse pensar num vetor cuja direção demonstrasse uma linearidade histórica. Há, todavia, “um campo saturado de linhas e de ligações, instaurando um tempo de composição dessas linhas” (PELBART, 2000, p. 141). Com isso, não tem reversibilidade ou irreversibilidade, mão ou contramão, pois o que existe é um campo potencial de encontros plurais com diversos vetores em várias direções.

Em Freud lemos sobre a atemporalidade inconsciente, mas o pensamento freudiano a respeito do tempo não é tão óbvio quanto esperávamos. A ideia não é apenas pensar num tempo fora do tempo cronológico, mas também se abre para a possibilidade de pensar uma teoria dos tempos que se conjuga num tempo multitemporal (LE POULICHET, 1996). Nesse sentido, Dayan (1990) concorda completamente, pois as formulações freudianas a respeito do tempo são carregadas de ambiguidade, dando margem a interpretações múltiplas.

Com isso, ao pensarmos que o tempo do inconsciente não é necessariamente equivalente ao negativo do tempo da consciência, ou seja, não é um fora de um tempo ou um sem tempo, o inconsciente é, sobretudo, o campo das possibilidades temporais. O inconsciente está alheio à tripartição cronológica, passado-presente-futuro, ou mesmo a bipartição, antes-depois. Nesse ponto que a filosofia pode ajudar

os psicanalistas a pensar sobre os tempos de Freud, ao esmiuçarmos o movimento de seu pensamento como nos sugere Monzani (2014).

Pois bem, essa é a mola-mestre de nossa pesquisa. Concordamos com Green (2000), que em *Le temps éclaté* sustenta que a hipótese de que o verdadeiro objeto da psicanálise é, desde sempre, a temporalidade. Para ele, o debate sobre esse tema é condição de possibilidade para a construção e inteligibilidade dos conceitos freudianos. O autor se faz uma pergunta logo no início de seu terceiro capítulo e nós a adotamos por ser pertinente à nossa discussão: “Será que Freud nunca deixou de se ocupar de outra coisa que não o tempo, ao longo de sua obra? Temos o direito de duvidar”²⁷ (GREEN, 2000, p. 21).

A investigação de Green sobre a questão do tempo em Freud, que também percorremos, mostra como esta questão ganhou terreno fértil, principalmente, a partir de *A interpretação dos sonhos*. De acordo com Green:

O sonho demonstra a existência de um tempo fragmentado, isso significa que, de um tempo que não tem muito a ver com a ideia de sucessão ordenada segundo a tripartição passado-presente-futuro. Tudo no meu sonho é puro presente. E ainda, se no seu conteúdo manifesto parece obedecer a uma certa linearidade, sem dúvida adquirida a posteriori da elaboração secundária, é apenas uma aparência superficial que desaparece ao menor sinal do trabalho associativo.²⁸ (GREEN, 2000, p. 12)

A obra de 1900 propõe uma direção bipartida dos processos psíquicos, isto é, um vai e vem, que tende para frente e para trás, no qual o que está por vir e o que passou encontram-se vivos e misturados num puro presente durante o sonho. Leitura esta que também embasa o argumento de Monzani (2014) que metaforiza dizendo que esta bidirecionalidade é como uma espécie de movimento pendular cuja ação dá lugar ao nascimento da figurabilidade própria ao sonho. Não pensando apenas como um pêndulo que parte de um lado para o outro, mas um pêndulo espiral, cujo movimento de vai-e-vem se mescla com o movimento circular.

Ademais, a subjetividade da noção de tempo em Freud que atravessa tanto a noção de memória, num tempo fundamentado num “só depois” e “retroativo”, quanto à noção de repetição, que aponta para um eterno retorno, abrem a indagação para

12. Tradução nossa.

13. Tradução nossa.

se pensar numa terceira modalidade sobre a noção de tempo em Freud, um tempo que se esbarra com a finitude.

CAPÍTULO 3

3. TEMPO E FINITUDE

A preocupação freudiana com relação à duração dos tratamentos psicanalíticos ficou exposta no seu texto *Sobre o início do tratamento* (1913) assim como em *Análise terminável e interminável* (1937). Neste último, Freud declara que no início de sua clínica a maior dificuldade era fazer com que seus pacientes permanecessem em tratamento. Alguns anos mais tarde, uma inversão se presentificou, e o impasse passou a ser fazê-los partir.

Primeiramente, o tratamento psicanalítico para Freud é marcado pelas entrevistas preliminares e assim sequenciado pela própria entrada em análise, que marca um tempo, até a sua finalização. Esse tempo é, no pensamento freudiano, tanto infinito como também um caminho sem volta, porém que pode encontrar um término estrutural.

Para tanto, chegamos a outro viés a respeito da noção de tempo em Freud. E que no texto *Pulsões e destinos da pulsão* (1915), o autor nos diz que a pulsão implica um tempo de tensão, contrastando o mesmo em relação ao tempo do ser biológico. Neste íterim, perguntamo-nos do que se trataria este tempo, pois a pulsão faz uma fragmentação, ou ainda, uma subversão do tempo do corpo biológico. Há, entretanto, um desenvolvimento paralelo à noção de fora do tempo no inconsciente, do qual já tratamos no capítulo anterior, assim como a diferenciação entre tempo natural e tempo pulsional.

A separação entre esses dois tempos se evidencia no trabalho de luto, já que este é marcado como uma elaboração *a posteriori* de uma experiência iniciada por uma perda real, um tempo de morte, de desinvestimento, de desenlace da memória relativa ao objeto amado e, portanto, perdido.

Nestes meios, trabalhamos neste capítulo para tentar chegar ao fim. Não a um final que demarca uma noção precisa da ideia de tempo em Freud, pois não há, mas um terceiro lugar, ou ainda, uma outra nuance da concepção freudiana de tempo a partir de sua discussão com a transitoriedade, castração e morte.

3.1 O tempo efêmero

A questão do efêmero foi abordada por Freud num ensaio escrito em novembro de 1915 e publicado em 1916. Embora alguns escritos²⁹ nos digam que Freud nunca escreveu um texto dedicado exclusivamente à temática do tempo, posição da qual discordamos, temos este que nos mostra precisamente o contrário. Neste ensaio, o qual teve como título *A transitoriedade* ([1915]1916/1992), Freud citou um diálogo com Rilke, amigo e poeta que mencionou sua perturbação no tocante à finitude de tudo aquilo que demarcava tamanha beleza.

O texto reflete uma compreensão muito peculiar ao narrar um diálogo entre amigos durante um dia ensolarado. Na maioria das vezes, este texto é considerado como uma reflexão sobre a perda e o luto, os quais foram, curiosamente, assuntos que Freud se dedicou na mesma época, como compreendem seus artigos metapsicológicos, *Luto e melancolia* ([1917]1915/1992) e *De guerra e morte. Temas da atualidade* (1915/1992).

Ele, entretanto, deu relevo a outras questões importantes, porém menos trabalhadas, como a continuidade e a descontinuidade humanas e, desse jeito, abordou questões sobre a não-perenidade, seja da beleza humana, ou toda e qualquer beleza natural ou criada pelo homem, descrevendo o olhar atento de cada um dos participantes. Nesta caminhada pelos campos Dolomitas, onde aconteceu esta conversação, Freud soou muito otimista na sua intervenção dizendo que “O valor da transitoriedade é o valor da escassez no tempo. A restrição na possibilidade de gozo o torna mais apreciável” (FREUD, [1917]1915/1992, p. 309).

Assim sendo, Freud deslocou o pensamento para o lado oposto do qual seu companheiro naquela caminhada havia tomado. Onde o seu amigo via o *Chrónos*, termo grego para a palavra tempo, como devorador voraz de tudo aquilo que lhe parecia tão belo, Freud suscitou que a fruição estaria marcada por sua própria fugacidade. É neste mesmo texto que o autor entrelaça os temas da dor, da perda e do luto para escrever sobre o efêmero, estando em pauta o tempo como substrato de tudo que tende a se degenerar. Nisto, ele é o “inimigo” exterior do homem que pode retirar-lhe tudo e todos, denunciando o quão provisória é a existência das coisas. Aliás, Freud denuncia um frequente engodo, o de que a transitoriedade dos objetos, das coisas e das pessoas não nos atinge, a nós expectadores. Assim

1. Podemos citar GOLDFARB (2004) e GONDAR (1995) para exemplificar.

colocado, contraria o discurso psicologizante que diz que a morte de outrem nos faz pensar na nossa própria finitude. Com relação a este não fazemos oposição, porém vamos além deste ponto, visto que se tomarmos a morte de outrem e da transitoriedade das coisas, a nossa interpretação inconsciente nos diz que somos nós quem ficou.

É neste ínterim que se cogita a dimensão trágica do tempo em contrapartida à sua dimensão dramática. Ao referirmo-nos à dimensão dramática, estamos querendo dizer que *Chrónos* é aquele “inimigo” externo do homem e do qual este nada tem o que fazer sobre sua força suprema. Por outro lado, o tempo pode ser abordado na sua dimensão trágica, isto é, que o “inimigo” de fato está dentro de cada homem e, por este ponto de vista, se depara com sua falta (GONDAR, 1995).

Isto porque, se uma pessoa amada morre, se um objeto valorizado de qualquer grandeza deixa de existir, isso nos remete precisamente a uma falta, falta esta que pode vir a ser preenchida em mais ou menos tempo. Essa mesma falta é, de alguma forma, acalentadora, já que o sujeito sofre pela perda do objeto amado, de modo que esse tormento o protege de se confrontar com a sua própria finitude.

É bem por aí que podemos ler a inquietação do poeta Rilke, mencionado por Freud ([1915]1916), pois este demonstra pesar, verdadeiramente, porque tudo passa, mas é ele quem fica. É, todavia, a sua autoproteção, uma vez que ele não quer se deparar com sua morte, protegendo-se do tempo. Contudo, a morte é a responsável por fazer o homem considerar o tempo que passa em uma questão para si. Nós, contudo, medimo-nos pela possibilidade de nosso desaparecimento, dito ainda de outra maneira, é o apontamento heideggeriano do ser-para-a-morte, no qual a morte é o que representa o próprio modo de ser do homem, quer dizer, ele o é na medida em que existe a possibilidade de não-ser (HEIDEGGER, 1988).

Assim, o que faz com que o homem transforme o tempo que passa numa questão que lhe concerne seria, rigorosamente, a morte, isto é, a relação que ele estabelece com a morte. O vestígio da própria morte é, precisamente, a questão trágica por excelência, pois o homem é o único ser capaz de pensar em vir-a-não-ser, o que o difere rigorosamente de outros animais. É a partir daí que a relação entre o tempo e a morte se constrói, ou dito ainda de outra maneira, é na relação “entre-dois”, entre a suposta eternidade inconsciente e o tempo instituído por *Chrónos* que se apresenta a possibilidade de simbolização da morte.

Morte, que nossa sujeição à linguagem faz presença necessária em nosso ser, é a mola propulsora do desejo. Nossa condição finita nos faz humanos, sujeitos de uma temporalidade restrita, de uma circunscrita, singular e necessariamente mutilada história, sempre sem tempo, permanentemente perdendo oportunidades. Freud pensava que nós tememos a castração ao invés da morte, e isto é tão preciso porque nossa condição mortal torna nossas carências e perdas verdadeiramente irreversíveis em nosso tempo limitado. (RODRIGUEZ, p. 113, 2008)

Nesta leitura, nossa finitude se torna o elemento essencial para nossa condição humana, o que também é lido a partir da teoria freudiana, não como sendo algo deficitário, mas numa perspectiva fértil, ou seja, que possibilita a releitura de que é a morte que dá sentido à vida. Por outro lado, como Freud pode lembrar o enunciado do Duque La Rochefoucauld, assim como é penoso encarar a morte e o sol, também nos é encarar o tempo. O que aqui concordamos com a observação de Miller em *A erótica do tempo* (2000) a respeito do *horror temporis*, isto é, uma aversão em lidar com a questão do tempo.

Como dito acima, sobre a incapacidade para se representar a própria morte, o que faz o homem transformar o tempo que passa numa questão que lhe concerne é justamente a sua condição de mortal, ou dito ainda, a relação que ele estabelece com a sua morte. Além do mais, poderíamos até pensar que se há no homem a inépcia em representar a sua morte, isto implicaria que, por causa disso, não se angustiará com a certeza de morrer. Porém, como aprendemos com a teoria psicanalítica freudiana, a angústia de morte ocupa um lugar central na vida do sujeito, embora este prefira não encará-la de frente.

Nestes termos, o famoso silogismo aristotélico que nos diz que ‘todo homem é mortal; Sócrates é homem; então Sócrates é mortal’, só serve para terceiros. Ou melhor, tem valor para os outros, mas não para si. É nesse sentido que Freud vinha discutindo com seu amigo Rilke em sua caminhada. Para o poeta, a dor da perda se apresenta como uma forma de se afastar do trágico, e assim ele se lastimava que o tempo varreria os objetos de amor e admiração, e assim tudo passaria, mas é ele, nessa conotação, quem sempre ficava, ficava para “sempre”, esmorecido pela transitoriedade das coisas. Portanto, o vínculo está dado, pois o tempo só se torna uma questão para o sujeito quando a sua morte se apresenta no horizonte.

Diante da angústia da morte e do enigma do existir, o humano reage e revela o seu maior problema - sua questão existencial. Aí estaria o ponto a partir do qual a prática filosófica viria se situar. Acreditamos que Freud, ao escrever *A transitoriedade* leva-nos a indagar: como a psicanálise vem situar-se em face do que

atinge o humano no âmago do seu ser, enquanto ser de fala, habitado pela linguagem? Como lidar com o furo, com a incompletude? Como se situar diante do “universo mórbido da falta”?

Nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud se referiu a uma situação de desamparo, de dor de existir, que se coloca para o ser falante ante o enigma da existência. A criança vê-se desafiada a encontrar saídas e, como um pequeno lógico, deverá buscar respostas para os desafios que lhe são colocados. Nas suas perguntas sobre os enigmas do sexo, do gozo e da morte, a criança inventa teorias, que, embora falsas, comportam um fragmento de verdade. Segundo Freud, não é de maneira arbitrária que a criança encontra suas teorias. Elas lhe vêm por força da pulsão.

Ora, Freud abre a *Interpretação dos sonhos* com a epígrafe “*Flectere si nequeo súperos, Acheronta movebo*”, que pode ser traduzido por “se eu não posso mover os céus, vou me dirigir ao inferno”. Esta epígrafe que é da autoria de Virgílio e consta na Eneida nos remete a um dualismo, pois o céu corresponderia aos nossos ideais, nossas aspirações, nossas exigências superegóicas, e, em contrapartida, se não consigo mover os céus, me dirijo para Acheronte, que é o rio ou barqueiro localizado no inferno descrito por Dante em “*A divina comédia*”. Este que levava as almas de um lado para o outro e por isso colocava duas moedas nos olhos dos mortos para que pudessem pagar a sua travessia.

Esta travessia da alma representa uma travessia da alma consigo, com sua finitude, com sua morte. Esta epígrafe alegoriza o conflito próprio da psicanálise, isto é, o conflito narcísico entre a pulsão sexual e a tendência de autoconservação, tema este que aparece entre as pulsões de vida e pulsões de morte em *Além do princípio de prazer*.

Segundo Freud, este é o conflito que rege a psicanálise de cada indivíduo, do início ao fim, termina por considerar que se não quiséssemos ser tão sobre-humanos, tão grandes, talvez não seríamos tão ruins, ou talvez não padeceríamos tanto. É por esse motivo que em toda análise a questão da finitude e morte será cedo ou tarde tratada, e isto justifica mais ainda o porquê de pesquisar a concepção freudiana sobre o tempo que está vastamente tratada em sua obra. E então, prosseguimos para a questão da morte que nos dá respaldo para tratarmos do tempo e da finitude em Freud.

3.2 Sobre a morte

A morte é tida como o horizonte do ser e a temporalização se faz na medida em que o homem se lança na direção do porvir, onde se pode localizar a possibilidade de seu aniquilamento. Até aí parece que o percurso do vivente só vai se deparar com seu final na velhice, quando parece que todos de alguma forma “aceitam” sua possibilidade.

Entretanto, Freud examina nossa atitude para com a morte em *Da guerra e morte. Temas da atualidade*, e aponta que nosso posicionamento frente à morte não difere em nada daquele do homem primitivo, ou seja, tanto o homem primitivo quanto o homem moderno comportam-se como imortais. Nosso inconsciente, segundo Freud, desconhece tudo o que é negativo e nenhuma negação, as contradições podem coexistir e por esse motivo não conhece sua própria morte. “Então, nada de pulsional nos impele na crença da morte” (FREUD, 1915/1992, p.298). Argumento que demanda explicações.

Primeiramente, ao falar ‘nada de pulsional’, precisamos recorrer ao texto de 1915, *Pulsões e destinos da pulsão*, e reconhecer em Freud o conceito de pulsão, o qual é fundamental para a psicanálise e que o autor denomina como sendo um conceito limítrofe entre o anímico e o psíquico e, mais ainda, um processo dinâmico cuja força ou pressão faz com que o corpo atinja um alvo. Ela que tem sua fonte numa excitação/tensão corporal e sua meta é justamente tentar suprimir esta tensão através de um objeto que, por sua vez, é sempre variável (FONSECA, 2012).

Freud, inicialmente, definiu as pulsões entre pulsões de autoconservação e pulsões sexuais, visando tematizar o conflito entre a sexualidade impetuosa e o Eu, entendido inicialmente como instância psíquica dessexualizada, até desembocar na dualidade entre pulsões de vida – *Eros*, e pulsões de morte – *Tânatos*, apresentadas em *Além do princípio do prazer* (1920/1992).

Nesta obra Freud definiu que “Uma pulsão seria um esforço, inerente ao organismo vivo, de reprodução a um estado anterior” (FREUD, 1920/1992, p. 36). Para tanto, o autor tratou do conceito de pulsão de morte e seguiu referindo que a meta de toda vida é a morte, ou ainda de outro modo, um retorno ao estado inanimado.

As pulsões de morte se inscrevem contrapostas às pulsões de vida ou *Eros*, que substituíram o conjunto dual proposto anteriormente na teoria freudiana. As

pulsões de morte, para Freud, aparecem como um tipo inteiramente novo de pulsão, que não tinha lugar nas classificações precedentes, embora ele as considere como as 'pulsões por excelência', na medida em que nelas se realiza de forma eminente o caráter repetitivo da pulsão.

A teoria de Freud nos demonstra que, a partir desta dualidade pulsional, há aquelas pulsões que estão perpetuamente tentando e conseguindo uma forma de renovação da vida, assim como aquelas que buscam conduzir o que é vivo à morte, respectivamente, pulsões de vida - *Eros* e pulsões de morte - *Tânatos*.

A pulsão de vida, também mencionada como pulsão sexual é, na concepção freudiana, a corporificação da vontade de viver e está em oposição à pulsão de morte, cujo objetivo é o retorno ao inorgânico. É neste contexto que Freud cita o filósofo alemão Arthur Schopenhauer na sua menção de que a morte é o resultado genuíno e finalidade da vida (FREUD, 1920/1992).

Ao nos perguntamos sobre o papel que Freud deu à noção de pulsão de morte consideramos, como noção primeira, que ele sublima seu caráter especulativo e hipotético, na intenção de averiguar até onde chegaria, e que logo em seguida adquire um domínio tão importante na sua teorização que não teria mais como pensar de outra maneira.

De acordo com Laplanche & Pontalis, Freud sublinhou diversas vezes que os fatos mostravam, mesmo nos casos em que:

A tendência para a destruição de outrem ou de si mesmo é mais manifesta, em que a fúria de destruição é mais cega, que pode estar sempre presente uma satisfação libidinal, satisfação sexual voltada para o objeto ou fruição narcísica. (LAPLANCHE & PONTALIS, 1976, p. 531)

A libido então se depara com a pulsão de morte, que domina os indivíduos e tende a desintegrá-los levando-os a um estado sem vida. Esta pulsão pode ser chamada, contudo, de pulsão destruidora ou pulsão de dominação. Uma parte dela é posta diretamente a serviço da função sexual, onde tem um papel importante a cumprir - o sadismo propriamente dito. Outra parte não segue este deslocamento para o exterior, já que permanece no organismo onde está ligada libidinalmente, e é nela que devemos reconhecer o masoquismo originário, erógeno.

Decerto, há algo que precisa ser também mencionado, de que existe uma alteridade entre o sujeito do inconsciente e o sujeito da consciência. A relação entre esses dois está posta a partir do representável e do não-representável, "entre a

função organizadora do tempo e um estado de indeterminação onde ele não se liga a nenhum traço mnêmico” (GONDAR, 1995, p. 123), como resultado dos pares opostos como sujeito inconsciente e consciente, entre pulsão e psiquismo, cuja demarcação encontra-se fora do regime temporal.

A pulsão se apresenta como um eterno retorno, o que ameaça destruir as articulações temporais impostas por *Chrónos*, porém, quando conjugamos essa destruição com a possibilidade de recomeço, vemos que a pulsão se torna determinante para a temporalização humana, o que faz com que o psiquismo tente dominar modos de encadeamento lógico e cronológico. Então, pensar o tempo sob a ótica da psicanálise freudiana torna-se elucidativo para perceber as conexões deste e o irrepresentável que é, como já dissemos, a não perenidade humana, cujo tema nos causa tamanho medo, horror e estranheza.

Segundo Freud, o tema do “estranho” relaciona-se com o que é aterrador para o sujeito e, neste viés, na primeira seção da obra de 1919 ele se dedicou a explanar um percurso metonímico da palavra que dá título ao texto, no qual em alemão fora intitulado *Das Unheimliche* e em espanhol é traduzido por *Lo ominoso*³⁰.

Ao recorrermos ao *Dicionário Comentado do Alemão de Freud* de Luiz Hanns, encontramos que o substantivo alemão ‘*unheimliche*’ significa tanto algo ‘inquietante’, ‘esquisito’, ‘macabro’, ‘assustador’, quanto algo conhecido e familiar, pelo seu oposto no adjetivo ‘*heimlich*’. É nessa relação de ambiguidade, já salientado por Freud na obra de 1919, que a ideia de morte se configura para o sujeito, assim como já o era mesmo nos primórdios dos tempos. Na reflexão freudiana, a questão da morte é algo que, em nossas ideias e sentimentos, pouco mudou desde então.

Dois fatores são boas testemunhas que permanecem: a intensidade de nossas reações emocionais originais e incerteza de nosso conhecimento científico. Nossa biologia ainda não foi capaz de decidir se a morte é o destino necessário de todas as coisas vivas ou apenas uma contingência regular, mas talvez evitável, no reino da vida. (FREUD, 1919/1992, p. 241)

Com isso, Freud nos mostrou tanto a nossa dificuldade em manter nossa reação emocional frente à morte, assim como a insuficiência de conhecimento abarcado pela ciência. Ainda, por mais que tenhamos subsídios para poder dar

2. Em português traduzimos por “O estranho” seguindo as próprias observações do termo em alemão assim como nota do tradutor da editora Amorrortu.

conta da morte, seja pela ciência ou mesmo pela religião, a estranheza é, sobretudo, inevitável. Por um lado, temos a religião que promete aos homens tristes e sofridos uma exaltação, um prêmio, uma compensação na vida pós-morte e, por outro, a ciência que busca cada vez mais aniquilar a tristeza, enaltecendo o saudável e o belo para poder evitar a morte em todas as suas formas e assim prolongar a vida. Num ou noutro, vemo-nos aprisionados às amarras de uma questão que prefere ser levada a cabo por um impensável e irrepresentável.

É assim que consideramos a ideia de morte a partir do termo empregado por Freud -'unheimliche', uma vez que esta questão é tão forasteira quanto doméstica, tão estranha quanto familiar. Pois bem, nesse paradoxo não é pela relação com a morte que a finitude se torna uma questão para o homem e sim pela desproporção que o constitui e que ele porta consigo, o que fez com que Freud privilegiasse a dimensão do 'unheimliche' como uma experiência na qual o homem se vê tomado pela sensação de estranheza e desamparo. Afinal, se ao mesmo tempo temos a convicção de sua possibilidade, em nosso inconsciente cada um de nós está persuadido a crer na própria imortalidade. Se ao mesmo tempo estamos tão convictos e familiarizados com a morte, ainda ela se configura como uma questão obscura e enigmática. Mesmo quando tentamos representá-la, percebemo-nos fadados, na realidade, a estarmos presentes somente como espectadores.

Por mais óbvio que nos pareça a nossa própria morte, ela não nos é representável. Portanto, toda a antecipação de nossa morte como não-ser é impossível, o que marca a afirmação freudiana de que somos eternos pelo menos na instância inconsciente. Assim como já demos nota, a morte é a nossa única certeza em paralelo com toda a incerteza que gira ao seu redor e ao mesmo tempo é a fonte de suas indagações acerca de si mesmo. Embora seja certa, possível a cada instante, desde o momento que a vida começou, seu "quando" permanece indeterminado, exceto em poucos casos onde pacientes em estados terminais contam com a previsão da medicina.

A morte, além da representação impossível, é levada a cargo de comparação entre o homem primitivo e o homem moderno que levou Freud a afirmar que ambos têm a mesma atitude para com ela. E se, da mesma forma que diante da morte de outrem podemos considerar a nossa própria finitude, também, de maneira ambivalente, concebermos um misto de sofrimento e alívio, ou seja, assim como há

sofrimento pela perda do objeto de amor, também se denota um estado de alívio demarcado por sua permanência.

Inclusive, da mesma forma como temos a expressão latina *Carpe diem*, que significa “Aproveita o momento”, temos a expressão contraposta *Memento mori*, que quer dizer “Lembra-te de que vais morrer”, marcando assim uma posição em relação ao tempo. O sujeito e sua relação com o tempo é fundamental na sua constituição e, conseqüentemente, seu tratamento em análise. Contudo, se o tempo passa, aprendemos com a psicanálise que o sujeito resiste a essa passagem, já que é marcado por uma relativa coerência simbólica e estabilidade temporal.

As questões do tempo e da morte ganham uma amplitude considerável ao serem reveladas nos textos freudianos como ideias que se configuram diferentemente nos processos consciente e inconsciente. A inabilidade para se representar a própria morte não implica que, por causa disso, não possamos nos angustiar com a certeza de que vamos morrer. Assim, a angústia de morte ocupa um lugar central, e é para ela que nos remetem, em última instância, a angústia de consciência e a angústia de castração.

3.3 Castração

Em psicanálise, a castração está associada a diversos outros termos mais precisos como angústia, ameaça simbólica, medo, terror, desmentido, e, sobretudo, complexo. O complexo de castração foi descrito em *Sobre as teorias sexuais infantis* (FREUD, 1908/1992) e se refere à teoria sexual das crianças na qual atribuem a universalidade do pênis para todos os seres humanos, sendo a castração a forma de explicação entre a diferença anatômica dos sexos. Para além das interpretações correntes, a definição psicanalítica de castração inspira-se no fato que as crianças do sexo masculino, portadores do pênis, temem a perda ou mutilação deste, enquanto que as crianças do sexo feminino seriam as quais já tiveram passado por esta ablação.

Freud reconhece que o pênis é a zona erógena diretriz e o objeto auto-erótico mais importante já na infância (FREUD, 1908/1992). Sua alta valorização se reflete, principalmente, na impossibilidade de se representar alguém sem esta parte

constituente e essencial. Ainda, a ideia de castração está vinculada ao complexo de Édipo, ambos organizadores da psicosssexualidade e da vida psíquica de todos.

Concordamos com Cournut (1997) que nos lembra que a posição metapsicológica do complexo de castração é um pouco tardia na obra freudiana, embora a palavra castração apareça bem mais cedo, ligada a vários conceitos psicanalíticos, segundo um breve levantamento cronológico. Primeiramente, ameaça de castração, sonhos de castração, e teoria infantil de castração são citadas em *A interpretação dos sonhos* (1900/1992) e *Psicopatologia da vida cotidiana* (1901/1992). Em *Três ensaios*, de 1905, Freud trata de aberrações sexuais, da sexualidade infantil e das transformações da puberdade, sendo o medo e a angústia de castração repetidamente citados. Já em 1915 e 1920, a problemática da castração foi claramente explicitada no contexto edipiano onde o complexo de castração ganhou importante posição teórico-clínica.

O texto sobre o pequeno Hans (1909/1992) ilustra e completa as teorias sexuais que Freud já havia concebido em 1908. O caso do pequeno Hans aborda o complexo de castração e tal complexo designa o sentimento inconsciente de ameaça quando a criança se depara com a diferença anatômica dos sexos, pela presença ou ausência do pênis. Segundo a teoria freudiana, este complexo funciona como uma espécie de núcleo psicopatológico corriqueiro que deixa traços e marcas.

O complexo de castração foi ampliado na sequência pelo segundo tempo da ameaça, o tempo quando o pequeno Hans se depara com a ausência de pênis na sua irmã, sendo que tal constatação induz um desmentido que quando sua irmã crescer seu pênis ficará maior. Entretanto, é posteriormente aos dois tempos da ameaça que aparece a angústia de castração, e é neste ponto que Cournut ressalta que Freud emprega quase indiferentemente as palavras “angústia” e “terror” para designar o medo da castração, sendo que a distinção só foi estabelecida de forma clara em 1925, com a “angústia-sinal” deflagrando o recalque em oposição aos diversos temores num contexto psicótico. Na verdade, a explicação de 1909 não é ainda qualificada de “fálica”, mas o será em 1923, em *O Eu e o Isso*, quando a organização genital infantil será descrita do ponto de vista conceitual. Em *Totem e tabu* (1912-1913), Freud sustenta que o mito fundador da sociedade humana é justamente a ameaça de castração assim como o parricídio, que são temas frequentemente presentes nos textos dessa linha, até *Moisés e o monoteísmo* de 1939.

Notamos que nas últimas páginas de *Análise terminável e interminável* (1937) subsiste o enigma da castração, porém na configuração em que os homens não compreendem que a submissão passiva a um senhor não é o equivalente de uma castração e as mulheres não admitem que sejam desprovidas de pênis já que esta é a sua natureza. Em suma, o medo da castração nos homens e o desejo de ter um pênis nas mulheres traduzem uma recusa do feminino, isto é, da castração, que está inscrito nos alicerces do biológico.

Pois bem, perguntamo-nos então, o que isto tem a ver com a questão do tempo, nosso tema de pesquisa. Para tal, associamos ao que em psicanálise tomamos como a “castração por excelência” que é o tempo da finitude do sujeito. Além disso, a experiência da castração está presente desde sempre, desde a entrada na linguagem, a separação das fezes do corpo, a perda do seio no desmame etc..

Porém, é a experiência da morte que representa a "castração por excelência", pois é irreversível e incapaz de ser compensada através de substitutos. A instância do *Eu* permanece absolutamente vulnerável e indefesa perante a morte, e com isso irrepresentável. Portanto, toda antecipação de nossa morte como não-ser nos é impossível, o que, na teoria freudiana, essa evidência filosófica se traduz pela dupla afirmação de que no nosso inconsciente somos imortais e que somos incapazes de imaginar a nossa própria morte. Todavia, quando o fazemos, somos meros expectadores da mesma.

A castração sob todas as formas onde aparece na vida psíquica, tal como é teoricamente interpretada por Freud, tem sua relação direta com o complexo edipiano, vacilando um pouco a propósito da sexualidade feminina, mas ancorada na distinção sexual e na das gerações (COURTNUT, 1997).

A partir das observações empíricas, como as do pequeno Hans, Freud realizou um percurso teórico que o levou a suplantar a clínica para desembocar em considerações epistemológicas essenciais. A castração não é apenas uma fantasia de criança ameaçada, ela é tão organizadora da vida psíquica como também uma forma de “corte”, que, ao contrário da fusão, permite a individuação e os processos secundários como linguagem, elaboração psíquica, pensamento, sucessão, temporalidade etc..

O complexo de castração enquanto organizador da vida psíquica conhece falhas, seja porque não foi suficientemente elaborado para ser eficiente, seja porque

parece ter ido além dos limites de sua função. É indiscutível que em Freud o complexo de castração é fundamentalmente organizador da vida psíquica, enquanto etapa que retoma *a posteriori* as angústias e aflições anteriores, incluindo as mais precoces, assim como será na constituição do *Super-eu*. É a partir do papel do *Super-eu* que se efetuarão as eventuais renúncias pulsionais sob a pressão do sentimento inconsciente de culpa e necessidade de punição (COURNUT, 1997).

Desta forma, estamos aqui falando de uma temporalidade não-temporal, cujo *a posteriori* se mescla com o anterior, recaindo em sua presentificação. Por esse viés que estamos lendo a teorização freudiana, e em *Além do princípio do prazer* (1920/1992) ele afirma, o que mencionamos também anteriormente, sobre a atemporalidade dos processos inconscientes. Não podemos negligenciar que esta afirmação já se encontrava presente em *A interpretação dos sonhos* (1900/1992), quando ele nos diz, numa nota de rodapé do capítulo E – *As características psicológicas distintivas dos sonhos*, que o primeiro marco do sonho é a sua independência e emancipação do espaço e do tempo.

O que Freud considera ilusório ou inexistente não é o tempo, já que deste todos nós temos que lidar, porém o que denuncia é, sobretudo, a ilusão do absoluto, isto é, a eternidade.

É o fato que a dimensão da finitude impregna o contexto cultural do século XIX, como bem nos mostra Foucault; não caberia a Freud o mérito de pensá-la. Tampouco é originalidade sua denunciar a pretensão a um saber absoluto: Kant já o havia feito, afirmando a impossibilidade de conhecermos a “coisa-em-si”. Mas, segundo Lacan, Freud teria trazido uma grande contribuição à epistemologia, à medida em que institui a disjunção entre saber e verdade. (GONDAR, 1995, p. 9)

À vista disso, a autora nos alerta que o não saber absoluto já havia sido pensado, mas a contribuição freudiana perpassa um saber inconsciente. Logo, Freud contribuiu ao propor que o homem desconhece o próprio desejo que o move, e é neste desejo, misterioso e ininteligível, que reside sua verdade. A proposição freudiana de uma psicanálise seria a forma de se chegar a esse desejo que está velado à apreensão da consciência e que faz o caminho inverso dos sonhos e das produções inconscientes, isto é, um trabalho que parte de conteúdos manifestos para conteúdos latentes.

Há, não obstante, um limite do saber, ou mais precisamente, um limite interno para o saber, o qual separa uma parte consciente e outra que é a verdade inconsciente e, portanto, o desejo desconhecido. Pois bem, um inconsciente que

não pode ser conhecido nem antecipado, e questiona a coesão ilusória do homem e dos saberes que ele cria, colapsa as categorias de absoluto, eterno e infinito.

A psicanálise se inscreve num contexto social demarcado pela temática da finitude, e obviamente, o tempo, sem o qual essa se tornaria incognoscível, irrepresentável e impensável. Todavia, é a finitude que radicaliza essa marca ao trazer como seu objeto o inconsciente, contraditório já que é este objeto condição fundamental para o entendimento do homem e de sua própria história para a psicanálise. Nisto, se atribui ao inconsciente a ignorância da morte e do tempo.

Também é o ponto de partida que Dayan (1990) e Triandafillidis (1990) fazem, a partir da leitura em Freud, ao reconhecerem que o inconsciente ignora a morte e o tempo, porém, da mesma maneira, pode ser estabelecido um laço entre eles, laço este marcado pela negatividade. De forma simplória seria pensar que a morte chega e o tempo passa, mas para os outros, e nunca para o próprio sujeito, e por mais que esses dois fatos sejam evidentes, eles não constituem uma certeza íntima.

O tempo que passa para os outros não é tão evidente quando em relação a si. São os outros que vêm e vão, enquanto que o sujeito crê na sua eterna permanência. De acordo com Dayan, nada é mais difícil de admitir quanto a passagem do tempo para si, o que dessa maneira denota a recusa tanto da passagem do tempo quanto da morte, justificado pelo termo *déni* que o autor utiliza no seu texto de 1990 e que se refere ao termo *Verleugnung* de Freud.

Tanto Dayan (1990) quanto Triandafillidis (1990) situam a recusa da passagem do tempo em função da recusa da morte, ou dito ainda, que a relação que o sujeito tem com o tempo é construída a partir da relação com a morte. O sujeito recusa seu fim, embora este seja inelutável, e assim se imagina imune ao tempo que passa. Pois bem, se fizéssemos o caminho contrário, teríamos que com a subjetivação da morte é que seria possível admitir a própria passagem do tempo, e nesse sentido, é ao ter a morte à vista que o sujeito seria capaz de ter uma relação diferente com a temporalidade. Portanto, somente a finitude da vida pode dar sentido ao problema da transitoriedade, seja em sua recusa ou mesmo em sua aceitação.

Nesta perspectiva, finitude tem o mesmo sentido que mortalidade, ou seja, a possibilidade que traria ao homem a noção de finitude, sem a qual não se poderia colocar o problema do tempo. Isto é asseverado pelas palavras de Gondar que nos

diz que “a morte seria o fim absoluto, estabelecendo o limite a partir do qual a própria temporalidade se tornaria pensável” (GONDAR, 1995, p. 111).

Nesta lógica, se o tempo é pensável a partir do seu fim, é necessário que ele já esteja dado previamente, para que então o homem possa ser capaz de questionar a sua própria efemeridade. É, então, necessário que esse fim possa ser dado de antemão, de alguma forma, para que o problema do tempo ganhe um sentido trágico (GONDAR, 1995). Esse contexto nos remete ao pensamento heideggeriano que no diz:

O fenômeno do ser-para-a-morte distingue-se (...) como o ser para a possibilidade específica, privilegiada, da relação humana. Mas esta possibilidade absolutamente própria, incondicional e insuperável, a realidade humana não a constitui nem posteriormente, nem ocasionalmente no curso do seu ser. Não, se a realidade humana existe, é que também ela já está lançada nessa possibilidade da morte. (HEIDEGGER, 1973, p. 141)

Isso significa dizer que o ser-para-a-morte é uma noção a ser pensada na perspectiva que para ‘ser’ é preciso que seja posta a possibilidade de ‘não ser’. Ainda, o homem se diferencia dos outros animais porque ele é o único capaz de pensar ou admitir a sua finitude. Aqui então chegamos a um ponto no qual nos perguntamos se este é também a mesma linha da qual segue o pensamento de Freud. O que lemos neste autor, principalmente baseados pelo seu texto de 1919 – *O estranho*, é uma ideia de ser-para-a-morte de maneira secundária, ou seja, que a morte é irrepresentável, e quando acontece é para os outros que chega, nunca para si. Ou mesmo, quando há a tentativa de representá-la, não passamos de observadores e expectadores (FREUD, 1919/1992).

O ser-para-a-morte em Freud seria uma formação de cultura que poderia ter raízes no luto, na culpabilidade advinda da perda de alguém próximo, ou na angústia de castração. Como ele retrata em *Inibição, sintoma e angústia*:

Pois bem, no inconsciente não há nada que possa dar qualquer conteúdo ao nosso conceito de aniquilamento da vida. A castração pode ser retratada a partir da experiência cotidiana das fezes que são separadas do corpo ou com base na perda do seio materno no momento do desmame. Mas nada se assemelha à morte (...). Estou, pois, inclinado a aderir o ponto de vista de que o medo da morte deve ser considerado como análogo ao medo de castração. (FREUD, [1926]1925/1992, p. 123)

Neste, Freud destaca a impossibilidade de se representar a morte no inconsciente e que castração, de maneira geral, manifesta-se tanto na separação das fezes quanto no desmame. Não obstante, Freud faz a ligação direta entre morte e castração, como da ordem inconsciente que retrata, por bem dizer, a finitude da

vida. Então, o medo da morte assim como o medo da castração são equivalentes. Além do mais, se é possível a partir de Freud atribuirmos um sentido trágico ao tempo, este deve ser questionado, assim como a análise, se é terminável ou interminável.

3.4 Eterna finitude da análise

Uma perspectiva que Freud nos alertou já no início de *Análise terminável e interminável* é sobre a duração da terapia psicanalítica, e esta, segundo ele, consome tempo. Nesse sentido, a ideia freudiana é que a extensão de um processo de análise é longo e algo demasiadamente comum é a tentativa de seu encurtamento, o que até mesmo Freud admite tê-lo feito.

Término que está tão intrínseco no processo analítico quanto na vida, pois se espera que a mesma tenha um fim. Porém, o fim na vida não é o mesmo que o fim de análise, e quando esta chega a um fim, se espera que haja um novo começo (KNAFO, 2017), o que também foi destacado por Laplanche quando escreveu que “o objetivo da psicanálise é terminar para que uma nova vida possa começar” (LAPLANCHE, 1998, p. 23).

Sobretudo, é importante notar que *Análise terminável e interminável* publicado em junho de 1937, ao lado de *Construções em Análise* (1937) correspondem aos últimos escritos estritamente psicanalíticos de Freud publicados em sua vida. Para melhor situar o texto é relevante pensar porque Freud retomou nele o estudo da técnica, e, em especial, do término da análise. O pessimismo de Freud pode também ser interpretado como decorrente da fase de vida do mestre e do agravamento de sua doença³¹, o que não estranhemos o porquê ele falar de término nos seus derradeiros escritos.

Soler (1998) arrisca-se mais, lembrando que é um texto escrito quando Freud, doente e idoso, sabe que logo vai morrer. Segundo tal hipótese, a temática do terminar, após a grande luta travada por ele contra sua doença, teria alguma analogia com os resultados obtidos pelos que tentavam se curar com a psicanálise.

3. De acordo com Elisabeth Roudinesco (2016), Freud morreu de cancro no palato aos 83 anos de idade. Supõe-se que tenha morrido de uma dose excessiva de morfina, já que ele sentia muita dor, e então, ele teria dito ao médico que lhe aplicasse uma dose excessiva de morfina para terminar com o sofrimento.

Se a marca essencial de todo ser humano é mesmo a falta, a questão ainda mais crucial é o da finitude do ser.

Ademais, em 1912 Freud havia advertido os analistas iniciantes quanto à ambição terapêutica e a conscientização que o analista possa ter mais expectativa na mudança do paciente que o mesmo possa ser capaz de fazer. Na teoria freudiana, término de análise era invariavelmente o objetivo psicanalítico de trazer à tona o que estava recalcado no inconsciente. Embora parte deste conteúdo ainda fosse impossível de chegar, o que o autor, em *A interpretação dos sonhos* (1900/1992) nomeou de umbigo do sonho, um conteúdo do qual nunca poderia ser analisado. Ou seja, mesmo no fim de uma análise nenhum sujeito deveria esperar estar completamente transparente para si mesmo. Talvez Freud já estivesse intimamente a par de que toda análise, seja aquela que tem seu fim natural ou a que é porventura interrompida, é inevitavelmente incompleta.

O término de uma análise foi concebido dentro de um modelo médico-clínico, no qual se esperava que o paciente fosse curado de sua neurose, o que fazia com que os analistas tivessem uma atitude simplista de supressão dos sintomas. Na medida em que se estendeu a compreensão sobre o inconsciente, a norma e a cura passaram à categoria de impossíveis e o fim da análise passou à condição mais sutil. Como afirma Britton: “Não há final de linha na análise – apenas uma parada final na qual o analista desembarca” (BRITTON, 2010, p. 39).

Pode-se dizer que Freud, sempre mais realista, retoma no capítulo IV do texto *Análise terminável e interminável* de 1937 uma coerência do sujeito com suas limitações de ser faltante, tal como das limitações da própria análise, pela supremacia do desconhecido inconsciente, além da impotência e o não saber ou mesmo do não poder do analista sobre o outro.

No entanto, falar do fim de análise é poder levar em conta algum tipo de transformação ou modificação psíquica. É necessariamente repensar sobre a origem e o destino da demanda e da alta. Como nos aponta o autor:

Nosso objetivo não será dissipar todas as peculiaridades do caráter humano em benefício de uma ‘normalidade’ esquemática, nem tampouco exigir que a pessoa que foi ‘completamente analisada’ não sinta paixões nem desenvolva conflitos internos. A missão da análise é garantir as melhores condições psicológicas possíveis para as funções do ego; com isso, ela se desincumbiu de sua tarefa. (FREUD, 1937/1992, p. 251)

Nota-se que Freud faz questão de colocar aspas em “normalidade” e “completamente analisada”, o que denota, primeiramente, que não há esta esperada “normalidade”, visto o que sabemos pelas análises, e também não se pode falar num sujeito “completamente analisado”, dado que se verificam conteúdos dos quais são inacessíveis, como tratamos anteriormente.

Aplicando essas observações sobre o nosso tema, podemos avaliar que uma perspectiva sobre o tempo de análise em Freud é um tempo que reflete uma ‘eterna finitude’. Termo este que nós cunhamos para supor que a análise é infinita num aspecto, mas, não pode, por outro lado, escapar de sua finitude, a qual põe em cena a relação do sujeito com a castração, como uma pedra no caminho e com a qual se esbarra no final de análise. Se ele inicia uma análise defendendo-se desse confronto, ao final do processo analítico esbarra-se inevitavelmente com ela.

Teríamos aqui a dupla que qualificaria o fim de análise, de um lado a pulsão, e, do outro, o complexo de castração. A pulsão se situaria do lado de um relançamento infinito, balizada pelos limites com que esbarra a castração. Todavia, esta separação não deve ser vista de forma tão simplista, como tudo em Freud. Não devemos, de forma radical, situar o infinito do lado da pulsão e o finito do lado do complexo de castração. Visto que a força constante da pulsão se identifica a um desejo reconhecido no final da análise, ao mesmo tempo em que seria precipitado acreditar que o complexo de castração está relacionado a um fim, porque as particularidades deste impasse constituem elas mesmas a ocasião de um relacionamento infinito em Freud.

É em *Análise Terminável e Interminável* que se encontra o testamento de que Freud expõe algumas de suas ideias finais sobre o processo analítico, sobretudo sobre o seu desenlace. Freud fala sobre o destino da cura, assim como sobre o destino da pulsão, de suas vicissitudes ou de suas transformações. Para ele, o destino da cura depende do destino e da intensidade da pulsão. É no eixo entre o *Eu* e a pulsão que se articula a duração de uma análise. O texto mostra justamente como há manifestações residuais: o *Eu* tenta sempre dominar, mas não é possível porque fica sempre um resto, um pouco de sofrimento que insiste. Porém, pensando bem, há sempre algo que pode ser negociado desse sofrimento. O que fazer com esta dor, com este sofrimento que resta, o que fazer com a desilusão de uma cura total? Segundo Conrad Stein, em *Fim de uma análise, finalidade da psicanálise* (1993), para sair de uma análise talvez seja preciso ser criador em algum lugar, em

algum sentido, ou seja, é fazer algo qualitativamente novo. Para ele, há uma criança poeta no fundo de cada um de nós que pode desenvolver algo que transforme em sua obra, obra de vida, qualquer que seja ela.

CONCLUSÃO

Se tivéssemos permanecido em uma ideia de tempo como forma universal na qual estamos inseridos de maneira passiva, não teríamos como pensar o tempo. Para tanto, iniciamos nossa pesquisa indagando sobre o que a psicanálise freudiana teria a nos dizer, e, assim, se haveria alguma novidade em relação à conceituação de tempo.

Este estudo partiu da ingenuidade de que encontraríamos um conceito fundamental de tempo em Freud, e nos deparamos com as multifaces deste conceito na teoria freudiana. Procuramos igualmente mostrar a importância deste conceito, não somente para a psicanálise, mas também para a filosofia e, principalmente, a filosofia da psicanálise, que é um ramo da filosofia que se empenha por estudar o modo próprio e específico que a psicanálise, e em nosso caso a freudiana, estabelece suas teses.

De fato, Freud não precisou a noção de tempo, o que poderia nos fazer pensar que talvez realmente não houvesse uma precisão do mesmo. À vista disso, se ele não demarcou este conceito em algum texto específico de sua obra, teríamos que admitir que não há um pensamento sobre o tempo na psicanálise freudiana?

Entretanto, podemos citar pelo menos duas razões que contradizem tal ideia. Inicialmente, ao afirmar que Freud não se ocupa sistematicamente do problema do tempo não quer dizer que não possamos fazê-lo com os instrumentos que o próprio autor nos deixou. Ainda, embora a noção de tempo não esteja especificada em Freud não quer dizer que tal ideia não possa ser pensada a partir da sua teoria. Outra razão revela-se quando investimos para além do que é formalmente explicitado na teoria, pois, a despeito de uma abordagem pontual, o tempo encontra-se inteiramente enraizado no pensamento de Freud.

Logo, partimos da proposta de que a psicanálise freudiana produz um determinado saber sobre o tempo, cujo contorno e especificidade foram explorados em nossa pesquisa. Ora, abandonamos o ideal unitário de ciência, de que existe um tipo de verdade e recorremos aos textos freudianos examinando e demarcando o conjunto dos critérios específicos para os quais este autor valida a questão do tempo em sua obra. Por conseguinte, buscamos reconstituir discursivamente sobre a noção de tempo, e, assim como Freud nos diz que o inconsciente desconhece o tempo,

também nossa leitura não seguiu necessariamente um percurso cronológico de sua obra.

O interesse freudiano no tocante ao tema está esparso em sua obra, o que pode um leitor inadvertido pensar que tal interesse não fora tão impactante a ponto de fazer com que Freud dedicasse um escrito específico sobre o tema. Contudo, esta temática é de tamanha grandeza na teoria freudiana que a mesma pode ser lida e encontrada na maioria dos volumes de sua obra, demarcando textos que são considerados capitais para a psicanálise de Freud, como por exemplo: *A Interpretação dos sonhos* (1900), *Psicopatologia da vida cotidiana* (1901), *Três ensaios da teoria sexual* (1905), *Totem e Tabu* (1913), *Pulsão e destinos da pulsão* (1915), *Além do princípio do prazer* (1920), *Nota sobre o bloco mágico* (1925) *Análise terminável e interminável* (1937), entre tantos outros. A vasta quantidade de textos nos quais o autor trabalhou a temática do tempo nos levou a suspeitar se Freud nunca deixou de se ocupar de outra coisa que não o tempo.

É essencial trazer o enunciado freudiano que reconhece o inconsciente como eterno. Freud o considera sob a vertente da não temporalidade, desafiando a visão de um tempo linear, já que para o autor os acontecimentos psíquicos não estão sujeitos ao relógio e não se compreendem em um tempo cronológico. Este é da ordem do sistema consciente. Ademais, o que Freud fez foi repensar a questão do tempo, não necessariamente em oposição à cronologia, mas que os processos mentais inconscientes não são ordenados temporalmente.

Na *Interpretação dos sonhos* (1900/1992) Freud tornou o inconsciente uma memória absoluta, mas é no texto metapsicológico de 1915, *O Inconsciente*, que ele foi mais preciso ao afirmar que os processos inconscientes são atemporais. Destes, concluímos que, mesmo o inconsciente desconhecendo o tempo cronológico, a sua existência e instituição não é de modo algum sem consequências para o psiquismo, ou seja, um tempo que não deixa de ecoar nos processos da recordação, da repetição, da fixação, do retorno do recaiado etc..

O axioma freudiano que diz que o inconsciente é atemporal se tornou a mola-mestre que permeia: 1) a noção de *memória*, num tempo baseado num “só depois” e “retroativo”, 2) a noção de *repetição*, que aponta para um eterno retorno presentificado, e 3) a noção de *finitude*, que denuncia a ilusão de absoluto e eterno.

Primeiramente, a relação de temporalidade atravessa a íntima relação entre conteúdos de memória, sejam eles verdadeiramente lembrados, fantasiados,

recalcados ou mesmo esquecidos. Por não haver associação com a cronologia, seu efeito é retroativo, e, assim, a lembrança que não é necessariamente da infância liga-se a outra mais recente e só compreendida tempos depois. Também, a lembrança não é dotada de precisão histórica, mas é como se estivesse disposta em camadas sobrepostas umas às outras.

Em contrapartida, o que não é lembrado retorna na repetição, dando forma ao eterno retorno da mesma, como sendo o encontro desses tempos. Para tanto, temos um tempo duplicado, que se dirige tanto para o futuro e que dá ilusão de eternidade quanto para o passado. A modalidade do tempo no campo pulsional é marcada pela repetição, e isso faz com que haja ligação com o tempo da memória. A noção freudiana de tempo demarca uma perspectiva não temporal, diga-se não histórica ou não cronológica, cujo *a posteriori* se mistura com o anterior. Porém, a repetição se materializa justamente no encontro da temporalidade consciente com a atemporalidade inconsciente.

Por fim, as questões do tempo e da finitude ganharam terreno na obra freudiana ao pensar na inabilidade de representação da morte. Esta, considerada como a “castração por excelência”, foi apontada por Freud em favor da nossa inabilidade de representá-la, e com isso, ele revela nossa ilusão do absoluto e eterno, que colapsa os saberes que o homem cria inconscientemente. Esta prerrogativa contrasta o tempo do biológico com o tempo da pulsão. A pulsão se apresenta como um eterno retorno e que ameaça destruir as articulações temporais impostas por *Chrónos*.

Então, pensar o tempo sob a ótica da psicanálise, em particular a freudiana, torna-se elucidativo ao perceber as conexões deste e o irrepresentável, que é a não-perenidade humana. Tema do qual Freud assinala que nos causa estranheza, não apenas tomada no sentido de estrangeiro, mas que é ao mesmo tempo familiar, mas isso requer maior aprofundamento.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, R. M. *A memória, o esquecimento e o desejo*. São Paulo: Ideias & Letras, 2016.
- ANTONELLO, D. F. & HERZOG, R. *A memória na obra freudiana, para além da representação*. Arquivos Brasileiros de Psicologia. UFRJ, v. 64, n. 1, 2012.
- BASTOS, Angélica. *Sobre a lembrança: Uma abordagem psicanalítica dos limites estruturais da memória*. In *Psicologia: Reflexão e Crítica*, vol.12, n.3. Porto Alegre, 1999.
- BOCCA, Francisco V. *Do que se lembra Proust? Memória e ficção*. Olhar: Imagem / Memória – MONZANI, J. & MONZANI, L. R. (orgs.). São Paulo: Ed. Pedro e João Editores / CECH – UFSCar, 2008.
- BRITTON, R. *There is no end of the line: Terminating the interminable*. In J. Salberg (Ed.), *Good enough endings: Breaks, interruptions, and terminations from contemporary relational perspectives* (pp. 39–50). London, United Kingdom: Routledge, 2010.
- CASANAVE, Carlota M. Ibertis de L. *As tramas de Mnemosine: a memória nos primórdios da teoria freudiana*. Biblioteca Digital da Unicamp. Tese de doutorado. Campinas-SP, 2008.
- CASTRO, Júlio Eduardo de. *A psicanálise e o tempo*. *Psicanálise & Barroco em revista* v.6, n.3: 60-74. Julho, 2008.
- CONRAD, Stein in DIDIER-WEILL, A. *Fim de uma análise, finalidade da psicanálise*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1993.
- CORNEJO, Rodrigo. *Origins of a theory of psychic temporality in Freud: the study of eels and the Darwinist influence of Carl Claus*. *The International Journal of Psychoanalysis*, DOI: 10.1080/00207578.2017.1399062. Routledge Taylor & Francis Group. 2018.
- COURNUT, Jean; ISRAËL, Paul; JEANNEAU, Augustin et SCHAEFFER, Jacqueline (orgs.). “Le mal-être (angoisse et violence)”. *Monographies de la Revue Française de Psychanalyse*. Paris, Presses Universitaires de France, 1997.
- DAYAN, Maurice. *Déni de la mort et passage du temps*. In: *Psychanalyse à l'Université*. Paris, n. 15 (57), janvier 1990, pp. 3-22.
- FONSECA, E. R. da. *Psiquisma e vida : sobre a noção de Trieb nas obras de Freud, Shopenhauer e Nietzsche*. Curitiba: Ed. da UFPR, 2012.
- FREUD, Sigmund. *La próton pseudos histéricas in Projeto para uma Psicologia Científica [1895/1950]*. Obras completas. Ordenamiento, comentarios y notas de

James Strachey con la colaboración de Anna Freud, asistidos por Alix Strachey y Alan Tyson. Traducción directa del alemán de José L. Etcheverry. Tomo I. Amorrortu Editores: Buenos Aires, 1992.

_____. *Carta 52* [1896]. Tomo I. Amorrortu Editores: Buenos Aires, 1992.

_____. *Manuscrito M [Notas II] Fantasías*, p.347-348 [1897]. Tomo I. Amorrortu Editores: Buenos Aires, 1992.

_____. *Sobre los recuerdos encubridores* [1899]. Tomo III. Amorrortu Editores: Buenos Aires, 1992.

_____. *La interpretación de los sueños* [1900]. Tomos IV y V. Amorrortu Editores: Buenos Aires, 1992.

_____. *Psicopatología de la vida cotidiana* [1901]. Tomo VI. Amorrortu Editores: Buenos Aires, 1992.

_____. *Tres ensayos de teoría sexual* [1905]. Tomo VII. Amorrortu Editores: Buenos Aires, 1992.

_____. *El creador literario y el fantaseo* [1908 (1907)]. Tomo VII. Amorrortu Editores: Buenos Aires, 1992.

_____. *Sobre las teorías sexuales infantiles* (1908). Tomo IX. Amorrortu Editores: Buenos Aires, 1992.

_____. *Análisis de la fobia de un niño de cinco años* (1909). Tomo X. Amorrortu Editores: Buenos Aires, 1992.

_____. *Sobre la iniciación del tratamiento (Nuevos consejos sobre la técnica del psicoanálisis, I)* [1913]. Tomo XII. Amorrortu Editores: Buenos Aires, 1992.

_____. *Consejos al médico sobre el tratamiento psicoanalítico* [1912]. Tomo XII. Amorrortu Editores: Buenos Aires, 1992.

_____. *Recordar, repetir y reelaborar* [1914]. Tomo XII. Amorrortu Editores: Buenos Aires, 1992.

_____. *Tótem y tabú. Algunas concordancias en la vida anímica de los salvajes y de los neuróticos* (1913 [1912-13]). Tomo XIII. Amorrortu Editores: Buenos Aires, 1992.

_____. *Lo inconciente* [1915]. Tomo XIV. Amorrortu Editores: Buenos Aires, 1992.

_____. *De guerra y muerte. Temas de actualidad* [1915]. Tomo XIV. Amorrortu Editores: Buenos Aires, 1992.

_____. *La transitoriedad* (1916 [1915]). Tomo XIV. Amorrortu Editores: Buenos Aires, 1992.

_____. *De la historia de una neurosis infantil* (1918[1914]). Tomo XVII. Amorrortu Editores: Buenos Aires, 1992.

_____. *Lo ominoso* (1919). Tomo XVII. Amorrortu Editores: Buenos Aires, 1992.

_____. *Más allá del principio del placer* (1920). Tomo XVIII. Amorrortu Editores: Buenos Aires, 1992.

_____. *La organización genital infantil (Una interpolación en la teoría de la sexualidad)* (1923). Tomo XIX. Amorrortu Editores: Buenos Aires, 1992.

_____. *Nota Sobre la "pizarra mágica"* ([1925]1924). Tomo XIX. Amorrortu Editores: Buenos Aires, 1992.

_____. *Inhibición, síntoma y angustia* ([1926]1925). Tomo XX. Amorrortu Editores: Buenos Aires, 1992.

_____. *El malestar en la cultura* (1930 [1929]). Tomo XXI. Amorrortu Editores: Buenos Aires, 1992.

_____. *Moisés y la religión monoteísta* (1939 [1934-38]). Tomo XXIII. Amorrortu Editores: Buenos Aires, 1992.

_____. *Análisis terminable e interminable* (1937). Tomo XXIII. Amorrortu Editores: Buenos Aires, 1992.

_____. *Pulsões e Destinos da Pulsão* (1915). Escritos sobre a psicologia do inconsciente / coordenação geral da tradução Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, 2004.

GOLDFARB, Délia C. *Do tempo da memória ao esquecimento da história: um estudo psicanalítico das demências*. Tese de doutorado em Psicologia escolar e do desenvolvimento. IP – USP. Junho de 20004.

GONDAR, Jô. *Os tempos de Freud*. Coleção Freudiana. Rio de Janeiro: Revinter, 1995.

GREEN, André. *Le Temps Éclaté*. Collection Critique. Paris: Les Éditions de Minuit, 2000.

HANS, L. A. *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

HELM, P. *Eternity. Etymology*. Stanford Encyclopedia of Philosophy. February 4th, 2010.

HEIDEGGER, M. *Conferências e escritos filosóficos*. Coleção Os Pensadores. Tradução e notas Ernildo Stein. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

IBERTIS, Carlota. *Montagens do desejo. Olhar: Imagem / Memória* – MONZANI, J. & MONZANI, L. R. (orgs.). São Paulo: Ed. Pedro e João Editores / CECH – UFSCar, 2008.

KNAFO, D. *Beginnings and Endings: Time and Termination in Psychoanalysis*. Psychoanalytic Psychology. Advance online publication. January 12, 2017. <http://dx.doi.org/10.1037/pap0000125>

KIERKEGAARD, S. *Fear and trembling; Repetition* Edited and translated, with introduction and notes, by Howard V. Hong and Edna H. Hong. Series Editors. 1983.

LAMY, Maria Inês. *O tempo em psicanálise*. Caderno de Psicanálise, revista da Sociedade de Psicanálise, vol. 16, n. 19. Rio de Janeiro, 2000.

LAPLANCHE, J. *Essay on otherness*. London, United Kingdom: Routledge, 1998.

LA ROCHEFOUCAULD, François. *Máximas e Reflexões*. Texto integral. Trad. Antônio Geraldo da Silva. Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal – 69. Ed. Escala: São Paulo, 2007.

LOEWENBERG, Peter. *Time in history and in psychoanalysis*. DOI: 10.1177/0003065115602195. JaPa, 63/4, pages 769-784. UCLA – Los Angeles-CA, April 3, 2015.

MEZAN, Renato. *A trama dos conceitos*. São Paulo: Perspectiva, 1991.

MILLER, J-A. *A erótica do tempo*. Seminário proferido durante o X Encontro Brasileiro do Campo Freudiano. Escola Brasileira de Psicanálise – Rio de Janeiro: Latusa, 2000.

MONZANI, L. R. *O que é filosofia da psicanálise?* *Philosophos*, Goiânia, v. 13, n. 2, p. 11-19, jul./dez. 2008.

_____. *Freud: O movimento de um pensamento*. 3 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

NASIO, J.-D. *A fantasia: o prazer de ler Lacan*. [trad. de André Telles e Vera Ribeiro]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

PELBART, P. *A Vertigem por um fio: Políticas da Subjetividade Contemporânea*. São Paulo: Iluminuras, 2000.

RODRÍGUEZ, L. S. *Immortality*. In: *Heteridade 7 Revista de Psicanálise*. Os tempos do sujeito inconsciente. A psicanálise no seu tempo e o tempo na psicanálise. Anais do V Encontro Internacional da IF-EPFCL, p. 113-116. São Paulo, 05 e 06 de julho de 2008.

ROUDINESCO, E. *Sigmund Freud na sua época e em nosso tempo*. Coleção Transmissão da Psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

ROUDINESCO, E. & PLON, Michel. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SMITH, J. E. *Time Time, Times, and the 'Right Time'; Chronos and Kairos*. *The Monist*, volume 53, issue 1, January 1, 1969, pages 1–13, <https://doi.org/10.5840/monist196953115>. Published: December 22, 2014.

SOLER, C. *A psicanálise na civilização*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1998.

TRIANDAFILLIDIS, A. *Temps du savoir et temps de l'incertitude*. In : *Psychanalyse à l'Université*, v. 15, n° 60. Paris, 1990.